

**ENSINO NA
ARQUITECTURA**

**ARQUITECTURA
NO ENSINO**

Manuel Graça Dias

CÁTIA ALEXANDRA DE OLIVEIRA AZENHA

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Apresentada ao Departamento de Arquitectura da FCTUC, Junho de 2013

sob a orientação do Professor Doutor GONÇALO CANTO MONIZ



Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que me apoiaram na realização da dissertação e também às que me acompanharam nos momentos *menos bons*.

INTRODUÇÃO	3
O ENSINO NA ARQUITECTURA	
I. Caracterização da ESBAL/FAUTL no período em estudo	11
Crítica à Reforma de 57	13
Abril de 74, uma pausa de outras vias	25
Reabertura da Escola e chegada da América	31
I. A “Escola” de Manuel Graça Dias	37
Influências marcantes no ensino de Graça Dias	39
O debate arquitectónico emergente: Pós-Modernismo	51
ARQUITECTURA NO ENSINO	
II. Manuel Graça Dias	81
Derrapagem Construtiva, Surto Eclético, Epidemia da <i>Forma</i> : a obra	85
Ironia, Crítica, Provocação: a escrita	113
CONCLUSÃO	123
BIBLIOGRAFIA	129

INTRODUÇÃO

A presente dissertação pretende observar a produção arquitectónica de Manuel Graça Dias, reflectindo sobre a formação escolar do arquitecto de modo a criar paralelismos entre o ensino e a prática da arquitectura.

O período em estudo resulta da fusão temporal destes dois aspectos: compreende, o intervalo entre 1970 e 1977, que corresponde ao tempo de formação de Manuel Graça Dias, onde se faz uma análise da sua “escola”, alargando-se até à contemporaneidade que abrange o período da sua produção arquitectónica.

A importância da escola na formação profissional e até pessoal do indivíduo é fundamental: o ensino é dos aspectos mais reveladores enquanto lugar de herança e transmissão de valores. Num período em que o país passa de um regime de ditadura para um regime democrático, essa passagem traz consequências para o sistema de ensino e, presumivelmente, para a formação do arquitecto.

Dito isto, achamos importante fazer a análise do arquitecto e do seu período de formação académica, que passa por estas transformações no ensino, e perceber em que medida estas se repercutem no seu percurso, com base no estudo da sua produção arquitectónica.

Das várias figuras da arquitectura que perfazem esta condição, escolhemos Manuel Graça Dias como caso de estudo. Esta escolha deve-se à sua importância enquanto «figura central desta “nova geração” voluntariosamente pós-modernista»¹.

A dissertação desdobra-se em dois temas, sendo eles “Ensino na Arquitectura”, onde nos debruçamos sobre a escola e influências na formação de

¹ FIGUEIRA, Jorge. A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80. p.275

Manuel Graça Dias, e “ArquitECTURA no Ensino”, onde aprofundamos o conhecimento sobre a sua produção arquitectónica.

“Ensino na ArquitECTURA” divide-se em dois capítulos.

No primeiro capítulo fazemos uma caracterização da escola onde Manuel Graça Dias frequentou o curso de arquitetura, ou seja, uma caracterização da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa no período compreendido entre 1970 e 1977. Fazemos essa caracterização em três subcapítulos que correspondem: o primeiro a uma crítica sobre a Reforma de 57, sendo que esta se encontrava vigente aquando da entrada de Graça Dias para o curso de arquitetura; o segundo a um período de encerramento da escola após a Revolução de Abril de 1974 no qual arquitecto explorou outras vias; o terceiro à reabertura da escola e às consequências que a Revolução provocou no ensino da arquitetura nesta escola.

No segundo capítulo analisamos as influências que marcaram a formação de Graça Dias. Fazemos essa análise em dois subcapítulos: no primeiro fazemos uma reflexão sobre as influências que o arquitecto recebeu dentro da própria escola, salientando os professores que mais o marcaram; no segundo fazemos uma breve abordagem do debate arquitectónico que acompanhou o seu percurso escolar, nomeadamente a crise do moderno e a emergência do pós-modernismo.

“ArquitECTURA no Ensino” inclui o terceiro capítulo da dissertação.

Neste capítulo fazemos uma análise sobre a produção arquitectónica de Manuel Graça Dias. Esta é dividida em dois subcapítulos: no primeiro fazemos uma reflexão sobre os projectos do arquitecto para programas escolares, começando por uma caracterização geral da sua arquitetura, passando depois para um breve estudo caso-a-caso dos projectos; no segundo fazemos uma síntese da produção escrita do arquitecto, fazendo referência às suas principais contribuições para a crítica da arquitetura.

Concluimos esta dissertação tentando fazer um paralelismo entre os dois temas. Analisado o percurso escolar de Manuel Graça Dias e a sua produção

arquitectónica, procuramos encontrar influências que marcam a sua produção e repercussões que possam advir do seu período de escola.

A bibliografia principal utilizada para a realização desta dissertação, que corresponde ao Estado da Arte, resulta da combinação entre livros, dissertações de doutoramento, publicações periódicas e entrevistas.

Nos livros destacamos *Graça Dias + Egas Vieira: projectos 1985-1995* e *11 Cidades: projectos 1995-2005*, onde obtivemos a maior parte da informação relativa à produção arquitectónica de Manuel Graça Dias. Destacamos ainda alguns livros e a dissertação de doutoramento de Jorge Figueira, *O Arquitecto Azul, Reescrever o pós-moderno: sete entrevistas, Agora que está tudo a mudar: Arquitectura em Portugal* e *A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80*, que auxiliaram na compreensão do tema da pós-modernidade e no estudo da obra de Graça Dias.

As dissertações de doutoramento de Gonçalo Canto Moniz e Leonor Cabral Matos Silva foram essenciais no estudo e caracterização da ESBAL, sendo elas, respectivamente, *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)* e *Cultura arquitectónica em Lisboa: um olhar a partir da ESCAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*.

Foram consultadas várias publicações periódicas, das quais a mais relevante foi o *Jornal Arquitectos*. Tivemos acesso às entrevistas através das várias obras que consultámos, bem como através das várias publicações periódicas, muitas delas encontrando-se disponíveis na internet, indicadas na bibliografia.



Convento de São Francisco da Cidade, Lisboa

I. CARACTERIZAÇÃO DA ESBAL/FAUTL NO PERÍODO EM ESTUDO

O estudo da escola de arquitectura que se pretende analisar nesta tese pertence ao período entre 1990 e 1997. Nesta fase, o ensino da arquitectura é leccionado no departamento de Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (ESBAL), criada em 1925. Só em 1979 a ESBAL é totalmente integrada no ensino universitário público². A agora Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL) situa-se em edifício próprio, no pólo universitário da Ajuda, em Lisboa. No entanto, no período em análise, o ensino da arquitectura ministrou-se exclusivamente no Convento de São Francisco da Cidade, que foi objecto de diversos usos desde a sua fundação em 1216.

Achamos adequado, para um melhor enquadramento, proceder a um breve resumo sobre a reforma que ocorreu no período precedente, a qual ainda se encontrava vigente quando Graça Dias ingressou no curso de Arquitectura. Começaremos, então, por analisar, de forma breve, a Reforma de 57.

² Já em 1976 «A ESBAL apresenta ao Ministério da Educação, um projecto de integração numa universidade pública. O VI Governo provisório propõe a Universidade Técnica de Lisboa, mas o processo não chega a concluir-se.» [em linha]

· Crítica à Reforma de 57

Em 1970 Manuel Graça Dias entrou para a ESBAL como estudante de arquitectura. A sua experiência, em geral, do ensino vigente não se revelou muito positiva: «(...) 1971/72/73 foram, de facto, para quem ainda não sabia procurar, um vazio, uma mágoa, uma imensa e interior dor, negridão, perca.»³

Aquando da sua entrada vigora a Reforma de 57 que corresponde a um processo que se vinha arrastando desde 1950 com o intuito de acabar com o ensino *Beaux-Arts* para integrar o ensino moderno. Surgiu na sequência e como consequência da reforma anterior (Reforma de Salazar de 1932) que se verificou ser desadequada ao ensino e hostil à modernidade⁴. A reforma foi acolhida com expectativa, por alguns, mas na década de 60 já havia um debate cultural em torno da crise do movimento moderno, provocando debates e contestações sobre a formação do arquitecto e a sua função na sociedade. O currículo moderno proposto pela Reforma de 57, que demorou sete anos a ser implementado, chega desactualizado e nem os alunos nem a nova geração de professores (estagiários) pretendia formar arquitectos modernos. Ao mesmo tempo, as “duas gerações” de professores, estes e os mestres residentes, não entraram em consenso: aos novos não lhes foi cedido grande maneio e os residentes reflectiam «aquele país cinzento e aquele ensino muito conservador e castrador, e muito académico»⁵.

A geração de professores a leccionar nesta altura procurou «formar um arquitecto-investigador com instrumentos para interpretar os problemas da sociedade, quer através das Ciências Sociais (Antropologia, Geografia, Sociologia), quer através das ciências puras (Matemática, Informática, Física,

³ DIAS, Manuel Graça. o terror do vazio *in* Por uma Vanguarda Popular. Jornal Arquitectos, Antologia 1981-2004. p.65

⁴ “Lá fora” experienciava-se o racionalismo do *Internacional Style*, o Moderno é apresentado em revistas e confirma a repressão nas escolas. As Escolas de Belas Artes são sujeitas à mais feroz repreensão, principalmente em Lisboa. Começa aqui a grande divergência entre Lisboa e Porto, pois a Escola do Porto via-se menos oprimida que a primeira, sendo ainda capaz de inserir os ideais modernos no ensino enquanto que a Escola de Lisboa se via obrigada a cumprir a reforma.

⁵ RAMALHETE, Filipa. Manuel Graça Dias, Cursos de Arquitectura - Ensino. 1ª parte. [em linha]

Química).»⁶. Isto reflectiu-se numa carga excessiva de cadeiras e numa impossibilidade de relacionar as várias cadeiras com Projecto, a cadeira principal⁷. Vários professores assistentes são contratados progressivamente para melhor concretizar a nova reforma. Segundo Graça Dias, este ensino distanciou-se da componente artística, tornando-se demasiado científico e técnico: «Crescemos, inibidos perante a publicidade da técnica, proibidos do desenho, de qualquer prazer da arte, martelados por propaganda puritana, por álibis funcionalistas»⁸.

Constatou-se um crescimento da população da Escola de Lisboa com a reforma, tal se devendo provavelmente ao carácter “mais democrático” da mesma⁹. «Este crescimento transforma a ESBAL num espaço mais plural, quer pelo alargamento da base social dos alunos, quer pela diversificação do corpo docente.»¹⁰

O país encontrava-se socialmente instável¹¹ e esta instabilidade reflectiu-se também no ensino da arquitectura. Este acaba por se afastar do modelo moderno, focando-se nos problemas sociais, direccionando-se para uma competência técnica do arquitecto, afastando-o da poética: «(...) frequentámos escolas onde os inqueritos viários se sobrepunham com mediocridade a qualquer arremedo poético, a qualquer tímida especulação estética»¹². O debate sobre o ensino da arquitectura intensificou-se também fora das escolas (arquitectos,

⁶ MONIZ, Gonçalo Canto. O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69). p.419

⁷ Ou seja, traduzia-se num «(...) “somatório de cadeiras”, espalhadas por diversas instalações universitárias e com professores “emprestados”» MONIZ, Gonçalo Canto. A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969 [em linha]

⁸ DIAS, Manuel Graça. o terror do vazio *in* Por uma Vanguarda Popular. Jornal Arquitectos, Antologia 1981-2004. p.65

⁹ Uma democracia que na realidade a direcção da escola não tinha condições para oferecer.

¹⁰ MONIZ, Gonçalo Canto. O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69). p.509

¹¹ O Estado Novo procura acertar o passo com a Europa, o que simultaneamente provoca uma grave crise social com o processo de eleições de 1958 e com o início da Guerra Colonial em 1961.

¹² DIAS, Manuel Graça. o terror do vazio *in* Por uma Vanguarda Popular. Jornal Arquitectos, Antologia 1981-2004. p.65

professores, estudantes) acompanhado do debate sobre a Arquitectura Moderna e a sua revisão, «o moderno era mal aceite, incompreendido, falhara (...)»¹³.

Face a estas inquietudes, derivadas da orientação metodológica das disciplinas, e que a reforma não esclarecia, alguns professores encontraram em “outras escolas” metodologias de ensino que procuraram integrar nos seus próprios programas¹⁴, assim como em conferências e congressos sobre a problemática no ensino da arquitectura¹⁵. «Este debate sobre os métodos de projecto vem consolidar a crítica à prática pedagógica vigente e ao currículo gerado pela Reforma de 57, dando “pistas” ou estratégias para que, individualmente, alguns professores procurem outras orientações, mais estruturadas, mais rigorosas e também mais participadas. Esta participação dos estudantes no processo de análise e crítica e o envolvimento de professores e especialistas de áreas disciplinares do ambiente urbano e humano veio a ter dois tipos de consequências. Por um lado, convergiu com uma reclamada democratização do ensino da arquitectura e, por outro lado, validou a necessidade de integrar o ensino da arquitectura na universidade, dignificando a actuação social e técnica do arquitecto.»¹⁶

Apesar da abertura e dinamização da actividade pedagógica da escola (debates, exposições, palestras, visitas de estudo), «a Escola e o seu director mantém um regime de vigilância relativamente às actividades tendencialmente políticas dos alunos»¹⁷, existindo sempre algum controlo do Estado.

«A complexidade inerente à actuação do arquitecto introduz a necessidade de uma formação equilibrada, completa e simultânea, sobre o ponto de vista humanista, técnico e artístico.»¹⁸ Nuno Portas propôs que os arquitectos eram “técnicos sociais e culturais” e com isso sugeriu uma nova orientação no ensino,

¹³ *idem* p.66

¹⁴ Experiências Italianas (Veneza), Americanas (Khan) e Brasileiras (São Paulo). Cf. MONIZ, Gonçalo Canto. O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69). p.421-439

¹⁵ A Conferência organizada pela RIBA, em 1958; a criação do Departamento de Arquitectura no LNEC; a “Conference on Design Methods”, em 1962; o congresso da UIA, em 1965. *idem* p.440-454

¹⁶ *idem* p.447

¹⁷ *idem* p.459

¹⁸ *idem* p.451

uma “estrutura, verdadeiramente operacional, por oposição ao actual somatório de disciplinas”.¹⁹

«Neste período, o debate sobre a Arquitectura está relacionado com a formação do Arquitecto, dado que se tomou consciência que o problema do exercício da profissão era estrutural e, sendo assim, só poderia ser resolvido dentro da Escola.»²⁰ Ou seja, a Reforma de 57 falhou porque tentou introduzir o método de ensino moderno não alterando os métodos antigos, condicionando a exigência da prática profissional. Por esse motivo e pela demora de sete anos na implementação da reforma, constatou-se uma desadequação do método tanto ao nível estrutural interno, como ao nível da cultura arquitectónica pois nesses sete anos tinha-se desenvolvido a crítica à arquitectura moderna.

Concluiu-se que o método a aplicar consistia na análise e avaliação de problemas face à complexidade dos fenómenos sociais que se verificavam, esta análise foi introduzida através das ciências sociais e exactas como complemento do ensino da Arquitectura. Consequentemente, este método “tecnocrático”, levou a um afastamento do *atelier* e aproximação ao laboratório, incitando a uma «aproximação ao real»²¹. Este método aproximou, gradualmente, a Escola ao ensino universitário. Contudo verificou-se uma sobrecarga de disciplinas das mais diferentes áreas que incutem um “somatório de cadeiras”²², tornando o curso muito “pesado”, e em que não houve uma ligação coerente entre as diferentes disciplinas – apesar de tudo, na ESBAL foi onde se verificou um maior envolvimento dos alunos e professores das disciplinas paralelas à Arquitectura –, resultando «[n]um quadro pedagógico verdadeiramente catastrófico»²³. No entanto, verificou-se que este método fomentou o trabalho de equipa e colaboração nos alunos da ESBAL. «O arquitecto já não é um artista, nem um técnico, mas um investigador que concilia todos estes perfis, no exercício da sua

¹⁹ Cf. *idem* p.452

²⁰ *idem* p.452

²¹ FERNANDEZ, Sergio. *apud* MONIZ, Gonçalo Canto. O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69). p.453

²² Expressão usada por Nuno Portas, UIA de 1965. Cf. *idem* p.453

²³ BARBOSA, Jaime. *apud* MONIZ, Gonçalo Canto. O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69). p.466

função social – é um construtor criativo.»²⁴ Desde o primeiro momento da aplicação da Reforma que os alunos a criticaram²⁵, esta crítica exaltou-se no início dos anos 60 com os movimentos estudantis que associaram o debate pedagógico ao debate estudantil. As reacções mais negativas à Reforma por parte dos professores surgiram mais tarde, salientando-se as de Nuno Portas e Frederico George. Estes tentaram encontrar estratégias e soluções para “melhorar” a situação²⁶, mais do que criticar directamente. «(...) foi também alvo de um processo de contestação política que atravessou a universidade portuguesa e que tinha como objectivo contestar a política do Estado Novo, reivindicando a Paz e a Liberdade, através da democratização e autonomização do sistema de ensino. A contestação à Reforma foi também reflexo da Crise de 62 e da Crise de 69²⁷ que criaram contexto político para uma consciencialização política e social dos professores, dos alunos e dos arquitectos.»²⁸ Chegou-se ao ano de 1969 numa situação de grave crise institucional e pedagógica «que provoca uma ruptura com os métodos de ensino, questionando todos os caminhos abertos nas diversas experiências. Nesta altura vive-se também uma crise política, contra o sistema de ensino e o modelo social.»²⁹.

E é neste ambiente, de crise instaurada na escola e na universidade, que Manuel Graça Dias entrou na ESBAL. Nesse ano José Veiga Simão tomou posse como ministro da Educação Nacional e negociou um regime de experimentação e de preparação de uma nova reforma, uma proposta de experimentação, promovida por Frederico George, numa tentativa de melhorar o «ensino [superior]

²⁴ MONIZ, Gonçalo Canto. O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69). p.453

²⁵ Publicações na revista *Ver*, em 1965; iniciativas pontuais de carácter satírico, entre 1968-69. Cf. *idem* p.467

²⁶ Levam a cabo novas experiências de ensino, procurando introduzir experiências paralelas, nomeadamente das escolas americanas, inglesas e italianas (como já falámos).

²⁷ Alunos e assistentes iniciam uma contestação à direcção de Joaquim Correia (1967-74) que origina uma crise nos anos 1968-69, esta é uma grave crise política, institucional e pedagógica que ocorre por motivos internos mais também externos à escola – a Primavera de Praga, Movimentos estudantis em Paris, substituição de Salazar por Marcelo Caetano. Cf. MONIZ, Gonçalo Canto. O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69). p.530

²⁸ *idem* p.473

²⁹ *idem* p.549

artístico, [nessa proposta] compreende a necessidade de criar condições para uma reformulação dos cursos de Arquitectura, que não fosse meramente tecnocrática, potenciando a auto-reflexão no interior dos próprios cursos, e fazendo assim regressar alguns professores e alunos à Escola.»³⁰ Desenvolveu-se uma coordenação horizontal entre as disciplinas do mesmo ano, com a ajuda de novas contratações, entre elas Raul Hestnes Ferreira, Francisco Pires Keil do Amaral, Manuel Vicente e Tomás Taveira.

Estas experiências vieram comprovar o clima que se vinha a verificar e resultaram na recusa da Reforma de 57, «no abandono de uma pedagogia reduzida ao virtuosismo do desenho e na aposta da Arquitectura, ou da escola, como campo de experimentação e reflexão para a transformação da sociedade.»³¹. Contudo, o ministro não aprovou o relatório da experiência de Frederico George e, em 1972, Raul Hestnes pediu demissão: acaba a coordenação horizontal e dá-se um retrocesso no processo de experimentação. Mas, «apesar da resistência do governo, estavam lançadas as bases para uma nova orientação da formação do arquitecto.»³². Porém esta formação ficou pendente até à revolução de 1974, pela necessidade de um ensino “verdadeiramente” democrático. Não obstante da repressão vai havendo alguma maleabilidade, o que acaba por repercutir instabilidade e falta de coesão crescentes.

³⁰ *idem* p.537

³¹ *idem* p.538

³² «[Esta] apoiava-se num sistema flexível de articulação entre cadeiras, no trabalho da escola sobre o meio social, e fundamentalmente na participação activa dos estudantes, assistentes e professores nos órgãos de gestão da escola.» *idem* p.538



Contestações do 25 de Abril de 1974

· Abril de 74, uma pausa de outras vias

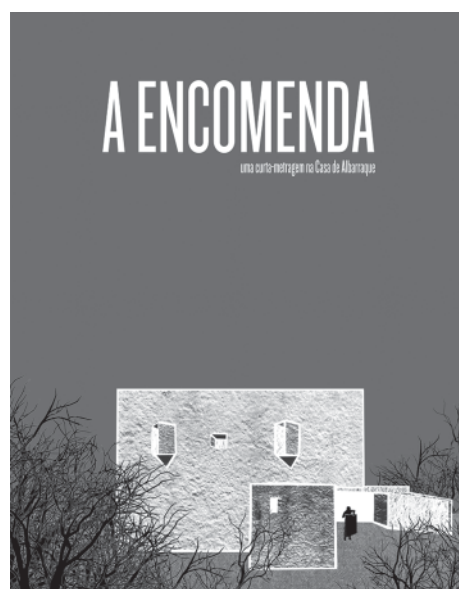
«Depois do 25 de Abril as crises internas do sistema educativo português foram bruscamente repostas à consciência de todos os cidadãos e os problemas à muito focados pelos movimentos estudantis passaram a ser debatidos ao nível de reuniões gerais, numa indagação global e particular que visava reequacionar o papel da massa discente na organização do seu próprio destino e na descoberta dos seus interesses e objectivos.»³³ Este excerto introduziu o “Boletim 1974” da Escola de Belas-Artes de Lisboa que era composto por textos da comunidade escolar, englobando professores e alunos onde se explorou o problema do sistema educativo e se propôs as melhores soluções para a ESBAL. Com a democracia, todas as partes podiam agora ser ouvidas e o Boletim surgiu dessa oportunidade. Enunciou-se «um princípio de democratização do ensino» em que a Escola «abre as portas a todos os jovens a partir das capacidades por eles demonstradas (...), preconiza-se o ensino gratuito e a abolição de qualificações elitistas.»³⁴

Para o curso de arquitectura propôs-se um ensino de estrutura horizontal e vertical. Isto é, as várias cadeiras articulam-se entre si, de maneira diferente, consoante sejam disciplinas fulcrais ou disciplinas complementares. As disciplinas principais são estruturadas horizontalmente ao longo dos 3 anos de bacharelato, enquanto as disciplinas complementares se conjugam verticalmente de modo a actuarem consoante os temas e necessidades das disciplinas principais. A dupla estrutura permite um estudo de trabalho baseado nas linguagens próprias da arquitectura e a conjugação dos vários campos de conhecimento, que é feita à base de “temas” centralizados em “grupos de trabalho”.³⁵ As disciplinas principais são obrigatórias, as complementares são opcionais (com obrigatoriedade de frequência mínima de seis em ciclo básico e cinco em ciclo especial)

³³ ESBAL, *Boletim da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa*, 1974. p.5

³⁴ *Cf. idem* p.17

³⁵ *Cf. idem* p.41



A Encomenda

Curta-metragem realizada por Manuel Graça Dias , projecto de Raúl Hestnes Ferreira

proporcionando aos alunos «obter graus de conhecimento intimamente relacionados com os seus interesses e capacidades»³⁶.

Contudo o curso de arquitectura teve que esperar por esta reestruturação do sistema de ensino, pois com o 25 de Abril o curso encerrou temporariamente. Os alunos foram “abandonados à sorte”, deixando Manuel Graça Dias desiludido: «O 25 de Abril apanhou-me muito chateado com a Escola. A interrupção violenta do curso... a ESBAL fechada.»³⁷

Desde que ingressou na ESBAL que Graça Dias se manteve muito ligado a outras áreas do conhecido. Quando chegou a Lisboa foi viver para uma residência de estudantes que não estava ligada ao curso de arquitectura, nessa residência relacionou-se com alunos de Clássicas, de Direito, de Medicina e de Letras, o que lhe proporcionou ambientes de interesses radicalmente diferentes dos que começava a ter. Com a interrupção do curso de arquitectura, deixou a residência e foi viver com Júlio Teles Grilo e João Vieira Caldas que frequentavam o curso de Música no Conservatório e que levaram para casa muita gente ligada à música, ao teatro e ao cinema³⁸. O contacto de Graça Dias com as artes e com as várias áreas do conhecimento foi algo constante durante o seu tempo de Escola. «O período do PREC³⁹ passou-se muito nessa ambiguidade, entre a luta nas escolas e as discussões políticas e “artísticas” em casa.»⁴⁰

Durante esta “pausa” no curso, Graça Dias continuou a dar aulas de Desenho (que corresponde actualmente a Educação Visual) na Escola de

³⁶ *idem* p.21

³⁷ DIAS, Manuel Graça. *apud* FIGUEIRA, Jorge. Reescrever o pós-moderno. p.60

³⁸ *Cf. ibidem*

³⁹ Vive-se um período muito instável de forte movimentação social e política. O período do PREC leva organizações sindicais de vários sectores em lutas reivindicativas ora de carácter economicista ora de carácter político, sempre fortemente participadas. O golpe militar de 25 de Novembro de 1975 põe fim à influência da esquerda radical iniciada em Portugal com o 25 de Abril de 74, o PREC termina em consequência desse golpe. *Cf.* PREC (Processo Revolucionário em Curso). Porto: Porto Editora, 2003-2013. [em linha]

⁴⁰ DIAS, Manuel Graça. *apud* FIGUEIRA, Jorge. Reescrever o pós-moderno. p.60

Marquesa de Alorna, onde vinha a leccionar desde 1973⁴¹. A motivação de Graça Dias devia-se, possivelmente, à forte influência do seu professor de Desenho de Estátua do primeiro ano do curso, Lagoa Henriques (a quem tinha pedido para continuar a ter aulas de desenho mesmo no segundo ano, apesar destas serem apenas respectivas ao primeiro ano). A irreverência do método de ensino de Graça Dias é notada desde cedo o que, na escola onde leccionava desenho, não foi bem aceite: «[a directora] Odiava-me porque (...) punha os miúdos a fazer coisas que não era suposto fazerem, saía com eles nas aulas de 2 horas. Dizia-lhes para trazerem 5 escudos para irmos de metro até aos Restauradores, depois tirávamos *photomatons* a cada um e na aula seguinte íamos trabalhar com essas fotografias. Outras vezes íamos para o Jardim da Gulbenkian...»⁴²

No final de 74, com o curso de arquitectura ainda fechado, decidi experimentar outras vias. Inscreveu-se no curso de Pintura na ESBAL (que não tinha sido interrompido), onde voltou a ter como professor Lagoa Henriques. Apesar das grandes expectativas, apercebeu-se que o curso não era, naquela altura, o que procurava.

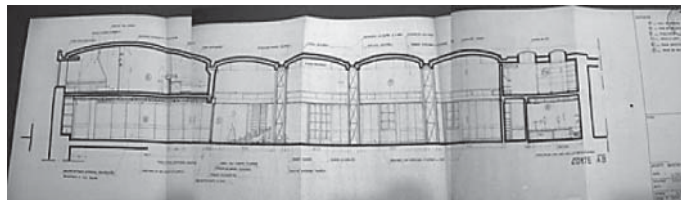
Inscreveu-se depois no curso de cinema, já no ano lectivo de 1975/76: «Gostei imenso, conheci muita gente (...) E divertimo-nos bastante.»⁴³ Contudo, as aulas de Desenho no Ciclo Preparatório ocupavam-lhe bastante tempo, e com a reabertura do curso de arquitectura no início de 1976, deixou o curso de Cinema e decidiu acabar arquitectura.⁴⁴

⁴¹ Cf. DIAS, Manuel Graça. Graça Dias: a propósito de uns desenhos coloridos. [em linha]

⁴² DIAS, Manuel Graça. Manuel Graça Dias: o homem que gosta de cidades. [em linha]

⁴³ DIAS, Manuel Graça. Reescrever o pós-moderno. p.61

⁴⁴ Cf. *ibidem*



Exercicio escolar intitulado "ESBAL estudo reestruturacao 2º andar" ,1976

· Reabertura da Escola e chegada da América

A reabertura da ESBAL, em 1976, pôs fim à «angústia e mal-estar generalizados»⁴⁵; tal era a preocupação dos alunos que viam a concretização do seu curso abandonada à sorte. [re]Nasceu assim uma nova escola na recém-chegada democracia: institucional e fisicamente autónoma, humanamente dilatada, didaticamente multi-referencial⁴⁶.

Mas como tantas outras, a escola viu-se sujeita à destabilização provocada pelo 25 de Abril. Reestruturou-se e desenvolveu-se procurando uma nova estabilidade o que não a fez destacar-se particularmente como inovadora escola de ensino da arquitectura⁴⁷.

Apesar dos conflitos sociais e dos debates ideológicos próprios de um período revolucionário, desenhavam-se consensos quanto ao papel da educação no desenvolvimento económico e na modernização do país. No caso da ESBAL, com o Boletim de 1974, houve uma tentativa da comunidade escolar de “reformular” a Reforma de 57, sem descorar de «alguns imperativos fundamentais implícitos e explícitos no diploma de 57 [que] se enquadravam perfeitamente na ordem social do País»⁴⁸.

A nível de formação e investigação salientavam-se os programas das cadeiras de Arquitectura e Planeamento, visto que constituíam o cerne do currículo escolar do período em estudo. Os objectivos programáticos não apresentavam diferenças muito significativas entre si, nem relativamente ao modelo anterior (Reforma de 1957). Ressaltava um tema na “reconstrução” da Escola que era o do ensino do Planeamento, constatava-se o objectivo de abarcar, sistematizadamente, todos os temas do urbanismo⁴⁹.

⁴⁵ COUCEIRO, Manuel. *apud* ⁴⁵ SILVA, Leonor Cabral Matos. *Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*. p.38

⁴⁶ Cf. SILVA, Leonor Cabral Matos. *Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*. p. 41

⁴⁷ Cf. *idem* p. 76

⁴⁸ ESBAL, *Boletim da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa*, 1974. p.27

⁴⁹ Cf. SILVA, Leonor Cabral Matos. *Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*. p. 71



Escadaria Principal
Convento de S. Francisco da Cidade, 1988



Corredor
Convento de S. Francisco da Cidade, 1988



Sala de Aula
Convento de S. Francisco da Cidade

O espaço não era o adequado ao ensino da arquitectura, mas é após a revolução de 25 de Abril que se tornou um problema, segundo Augusto Brandão, «a maior dificuldade [no funcionamento da Escola era] (...) a falta de espaço.»⁵⁰ As reformas realizadas a partir dos anos 70 tiveram um enorme impacto quantitativo e qualitativo no ensino Superior em Portugal: a escola encontrava-se plenamente democratizada e vocacionada para o ensino em massas, e isso reflectiu-se no número de alunos que ingressaram no ensino⁵¹. No entanto o espaço tinha as suas qualidades: para além da sua localização no centro histórico da cidade e das possibilidades que essa lhe trazia, o edifício era dotado de referências arquitectónicas intemporais (a escadaria, as arcadas, a racionalidade e a funcionalidade do rigor métrico). Até a insuficiência de espaço e a partilha do mesmo por vários cursos propiciava um inter-relacionamento entre os vários alunos que os enriquecia a nível formativo e humano. A confusão decorrente da gestão adversa do espaço chega a ser recordada com saudade, como refere Graça Dias «Andávamos debaixo para cima e fazíamos amizades»⁵².

O computador e outras tecnologias banais no nosso tempo não o eram na altura, a prática escolar exercia-se essencialmente com meios físicos como a policópia ou a fotocópia e a fotografia (em negativo ou diapositivo), divulgação *mise-en-scène* de eventos, maquetes, rolos de papel, cadernos, lápis, e, acima de todos estes meios, estava o professor - assim se compunha o ensino da arquitectura, os professores e meios representavam os factores fundamentais para o funcionamento de uma escola. As contribuições de alguns professores foram fundamentais pois deixaram marcas do seu saber numa pedagogia “auto-gerida”⁵³.

⁵⁰ BRANDÃO, Augusto. *apud* SILVA, Leonor Cabral Matos. Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990. p. 52

⁵¹ Cf. TAMM, Carlos. Ensino. *Jornal Arquitectos* nº 55. p.5

⁵² DIAS, Manuel Graça. *apud* SILVA, Leonor Cabral Matos. Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990. p. 53

⁵³ Cf. SILVA, Leonor Cabral Matos. Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990. p.61

Concluimos que o ensino da arquitectura foi, no período em questão, instável, sobrecarregado e desadequado. Procurava formar um “arquitecto investigador”, o que provocava uma certa sobrecarga disciplinar, nomeadamente de cadeiras das áreas das ciências sociais e exactas; estas não tinham relação clara com as disciplinas essenciais do curso. Contudo, a situação melhorou e o aluno podia escolher as disciplinas que mais lhe interessavam. Esta foi com certeza uma conquista democrática.

Apesar das melhorias, os anos precedentes tinham marcado negativamente os alunos: «(...) o João [Vieira Caldas] vinha com uma experiencia dramática, como vinham todos eles, o Graça Dias, o António Marques Miguel e até o José Manuel Fernandes, de escola muito má. (...) Tecnocrática, muito burocratizada. E isso marcou-os de uma maneira terrível.»⁵⁴ A escola de Graça Dias passou por uma época de muitas contradições e conflitos, em que o modelo moderno se demonstrou desadequado para o tempo em que é aplicado, tornando-se frustrante para o aluno e para os professores que se viram com direito insuficiente para pôr em prática as suas experiências pedagógicas - por vezes, os interesses políticos sobrepunham-se aos do ensino. Contudo, e apesar de dificilmente os integrar no ensino, a escola foi estabelecendo contacto com os movimentos artísticos e arquitectónicos, nacionais e internacionais, através de revistas, congressos, palestras e dos próprios *ateliers* que iam aceitando estudantes e recém formados.⁵⁵

⁵⁴ GOMES, Paulo Varela. *apud* FIGUEIRA, Jorge - Reescrever o pós-moderno. p. 165

⁵⁵ Cf. MONIZ, Gonçalo Canto. O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69). p.541

II. A “ESCOLA” DE MANUEL GRAÇA DIAS

A Revolução do 25 de Abril, que levou ao encerramento, de quase dois anos, do curso de arquitectura da ESBAL⁵⁶, repercutiu-se na educação e no ensino da arquitectura, como já verificámos: o acesso à educação, até então privilégio de alguns, democratizou-se, o Estado procurou criar as condições necessárias para a igualdade de oportunidades de educação para todos os cidadãos, independentemente do género, condição económica ou social.

«As contestações das práticas escolares, marcadas pelas ciências sociais e humanas, emergem na Escola de Lisboa, fruto da passagem de alguns docentes, como Manuel Vicente, e da admissão de outros recém-formados. Pela primeira vez, o ensino sofre uma deslocação, que o afasta da modernidade.»⁵⁷

No ensino da arquitectura a exploração de novos caminhos, finalmente “libertos”, seduziu a uns e intimidou a outros; nem todos estavam abertos para ir além do moderno. A Escola tornou-se muito mais liberal, os professores podiam falar abertamente e os alunos não se viam obrigados a participar de um ensino moderno estrito e “exclusivo”, podendo optar por várias áreas de aprendizagem⁵⁸ e conhecer o “mundo” para lá do moderno.

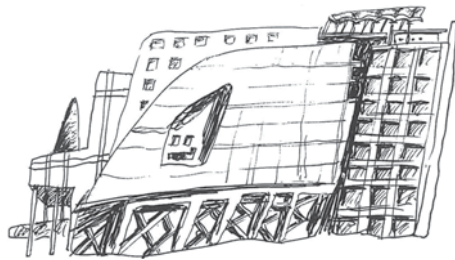
Para Manuel Graça Dias, a “escola”, de um modo geral, não esteve à altura das suas expectativas, era burocrática, monótona, insuficiente. Na sua perspectiva, pouco mais era que «um horizonte de organigramas, de gráficos e de muitas marcações hexagonais [que] ia-nos fazendo cair, desistir, desertar.»⁵⁹ Contudo, há duas “felizes” excepções que sobressaem: Lagoa Henriques e Manuel Vicente. Estas personalidades marcaram-no enquanto estudante, e posteriormente em obra.

⁵⁶ Para Graça Dias, a “pausa” no ensino provocada pelo 25 de Abril tem um valor especial na medida em que continua o seu contacto com as artes.

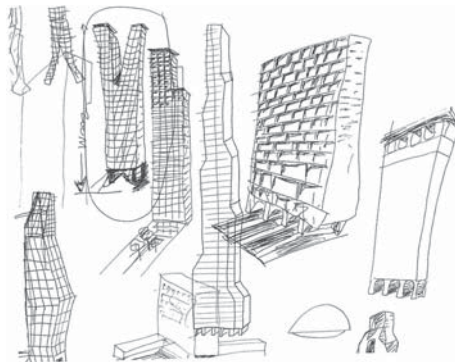
⁵⁷ ALMEIDA, Rogério Vieira de. *ArquitECTURA do século XX: Portugal*. p.76

⁵⁸ «Aquilo era super democrático, inscrevíamo-nos na cadeira que quiséssemos...» DIAS, Manuel Graça. *apud* FIGUEIRA, Jorge. *A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80*. p.88

⁵⁹ DIAS, Manuel Graça. o terror do vazio *in* *Por uma Vanguarda Popular*. *Jornal Arquitectos*, Antologia 1981-2004. p.65



Desenho de Manuel Graça Dias



Desenhos de Manuel Graça Dias

· Influências marcantes no ensino de Graça Dias

Alguns professores marcam com o seu método de ensino, personalidade como pessoas e como arquitectos. Para Manuel Graça Dias, não terá sido diferente; o próprio destaca dois: Lagoa Henriques e Manuel Vicente.⁶⁰ Outros professores terão o seu impacto, mesmo não sendo os mais “influenciadores”, todos eles deixam o seu contributo, positivo ou negativo, na formação do arquitecto.

«O primeiro ano foi muito revelador, tive bons professores, tive um contacto com a cidade de Lisboa, tive o contacto com um novo grupo de pessoas que eram os meus colegas. (...) Pela primeira vez estava num grupo de pessoas que tinham interesses parecidos com os meus. (...) É gostar de arte, de pintura, de arquitectura, de cinema. Gostar de reflectir sobre isso, de discutir. Era uma coisa que no ambiente de liceu não tinha.»⁶¹

Lagoa Henriques, escultor, poeta e professor universitário, leccionava, neste primeiro ano de arquitectura de Graça Dias, a cadeira de Desenho de Estátua, «uma descoberta fantástica!»⁶² que imediatamente o conquistou. As aulas de Desenho de Estátua mostraram «ultrapassar o nome da cadeira e abrir novas perspectivas quanto ao ensino da disciplina, tanto ao nível dos modelos utilizados como das técnicas e suportes.»⁶³; descritas como aulas de «uma enorme intensidade», nelas o desenho era constante e representava-se tudo: «ramos de árvores que [Lagoa Henriques] apanhava pelo caminho ou uma outra coisa qualquer que encontrasse no lixo – uma máquina esquisita»⁶⁴.

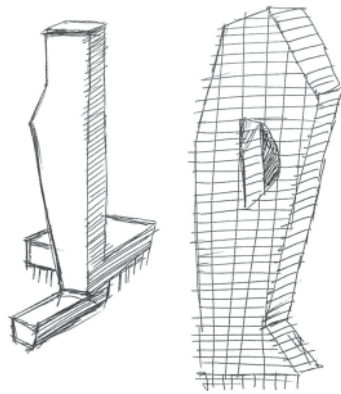
⁶⁰ «Tive alguns professores que me marcaram bastante. No curso de Arquitectura, na antiga Escola Superior de Belas Artes [ESBAL], terão sido dois: o Escultor Lagoa Henriques, que mais tarde deu aulas aqui, no DA/UAL, e o Professor Manuel Vicente, que também dá cá aulas, ao segundo ano.» DIAS, Manuel Graça. Manuel Graça Dias, Cursos de Arquitectura - Ensino. 1ª parte. [em linha]

⁶¹ DIAS, Manuel Graça – Manuel Graça Dias: o homem que gosta de cidades. [em linha]

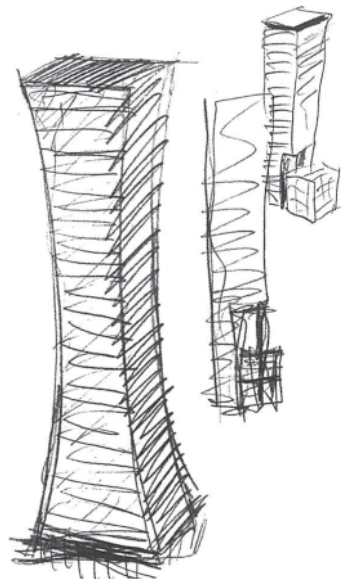
⁶² DIAS, Manuel Graça. Manuel Graça Dias, Cursos de Arquitectura - Ensino. 1ª parte. [em linha]

⁶³ PAIS, Teresa Maria da Silva Antunes. O desenho na formação do arquitecto. p.184 e 186

⁶⁴ DIAS, Manuel Graça. Manuel Graça Dias, Cursos de Arquitectura - Ensino. 1ª parte. [em linha]



Desenhos de Manuel Graça Dias



Desenhos de Manuel Graça Dias

Lagoa Henriques introduziu o “Diário Gráfico”, um registo do quotidiano em que tudo é desenhável, pois para ele era «prioritário comunicar visualmente e fundamentalmente através da imagem o que cada um dos jovens achava que era mais importante, no decorrer da sua existência, no dia a dia»⁶⁵. Com este diário queria apaixonar os alunos pelo desenho e pela arte, «não deve ser uma obrigação, deve ser uma necessidade, deve ser qualquer coisa que faz parte da nossa própria existência.»⁶⁶

A influência de Lagoa Henriques rapidamente se reflectiu no percurso de Graça Dias, começando na sua paixão pelo desenho explícita na sua dissertação de final de curso “Arq.Pop.Há?” e no seu trabalho com Manuel Vicente “Macau Glória”, ambos uma espécie de “Diário Gráfico”, sobre a arquitectura de Alcanena e Macau, respectivamente.

A passagem de Manuel Vicente⁶⁷ pela escola causou forte impacto e controvérsia num certo grupo de estudantes⁶⁸, especialmente Graça Dias, que só o teve como professor no seu último ano, já depois do 25 de Abril. Um ano bastou para afirmar que «se não fosse o Manuel Vicente eu não seria arquitecto»⁶⁹; as aulas de Teoria da Concepção e Projecto (leccionadas por Manuel Vicente) «foram sempre muito reconciliadoras com o que eu “estava à espera”, em Arquitectura, mas ainda não me tinha sido proporcionado! (...) eram aulas sobre muitas coisas, sobre Arte, sobre Arquitectura, mas também sobre a vida, sobre a relação apaixonada da vida com a Arquitectura»⁷⁰.

⁶⁵ HENRIQUES, António Augusto Lagoa. O Diário Gráfico. [em linha]

⁶⁶ *ibidem*

⁶⁷ Inequivocamente pós-moderno, Manuel Vicente «aproxima-se vertiginosamente do que vem nos manuais de filosofia e sociologia relativamente ao conceito de pós-modernismo». FIGUEIRA, Jorge. *apud* SILVA, Leonor Cabral Matos. Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990. p. 128

⁶⁸ Cf. FIGUEIRA, Jorge. A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80. p. 421

⁶⁹ SILVA, Leonor Cabral Matos. Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990. p. 137

⁷⁰ E ainda «Por tudo isso, muito lhe devo.» DIAS, Manuel Graça. Manuel Graça Dias, Cursos de Arquitectura - Ensino. 1ª parte. [em linha]

Manuel Vicente, com as suas aulas informais «realmente incríveis»⁷¹ de longas conversas sobre arquitetura e arte (a arquitetura nas suas aulas seria explicada, mais do que mostrada)⁷² introduziu a cultura americana na ESBAL. «A América é um lugar onde há uma grande diversidade de culturas do gosto – e de justaposições arquitectónicas, combinações e distorções que devem desencorajar a ênfase na homogeneidade. Esta confluência é um belo fenómeno (...) porque diminui a ideologia – a ideia que só há uma maneira de fazer as coisas.»⁷³ Manuel Vicente transportou esta alegria de projectar para as suas aulas, esta inclusão de referências ao invés da rigidez do “domínio funcionalista” dos “usos, actividades, áreas mínimas” e organigramas⁷⁴. «Nas suas aulas, Manuel Vicente mostrava Kahn, Venturi, Rossi. Mas também as construções clandestinas, as “casas de emigrantes”, o “feito” e o popular»⁷⁵.

«Falava-nos da Arquitetura que tinha visto, dos espaços que tinha visitado, do que tinha pensado nessas visitas, e falava-nos de Louis Khan, quando tinha estudado com Khan, de Robert Venturi, de Denise Scott-Brown, de Luis Barragan, de Aldo Rossi – de ter ido ao Gallarate e de ter ficado de boca aberta debaixo do que não seria uma simples junta de dilatação –, punha-nos a falar a nós, perguntava-nos onde vivíamos, que experiências arquitectónicas tínhamos tido, em que cidades é que já tínhamos estado, onde é que tínhamos ido, onde é que não tínhamos ido. Foi fascinante.»⁷⁶

⁷¹ *idem*

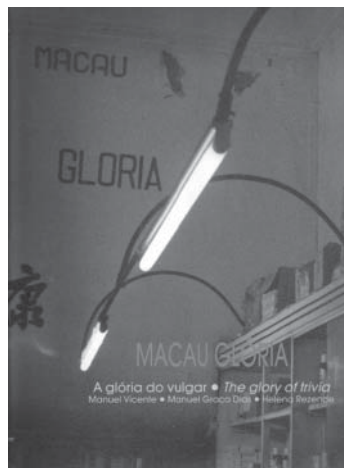
⁷² «Tivemos três meses, três vezes por semana, em aulas sem desenhos, sem riscos, sem folhas de papel onde só líamos e discutíamos textos como o [conto] de Jorge Luís Borges, os [textos] do Venturi, do Rossi e do Kahn». DIAS, Manuel Graça. *apud* SILVA, Leonor Cabral Matos. *Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*. p. 138

⁷³ VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott *apud* FIGUEIRA, Jorge. *A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitetura portuguesa, anos 60-anos 80*. p.131

⁷⁴ «Nós recusámo-nos a fazer exames porque era de tal modo frustrante esse ensino - não lhe quero chamar opressivo, ou repressivo: era obsessivo este tipo de organigramas com a ditadura do ângulo recto - era estiolante da imaginação. Era uma “coisa” muito redutora e não havia informação, não havia revistas de arquitetura.» DUARTE, Rui Barreiros. *apud* SILVA, Leonor Cabral Matos. *Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*. p.32

⁷⁵ GOMES, Paulo Varela. *apud* LOPES, João Gonçalo Almeida. *Discursos de Cidade: Lisboa Anos 80*. Dissertação do Mestrado Integrado em Arquitetura. Coimbra, Dezembro 2010. p.153

⁷⁶ DIAS, Manuel Graça. *Manuel Graça Dias, Cursos de Arquitetura - Ensino*. 1ª parte. [em linha]



Macau Gória, a glória do vulgar.
Manuel Vicente, Manuel Graça Dias, Helena Rezende

Graça Dias apresentou a sua tese “Arq. POP, há?”⁷⁷, um “Diário Gráfico” sobre Alcanena (que inclui também um projecto –a casa G – e «um texto de acompanhamento, questionando a hipótese de uma arquitectura simultaneamente erudita e popular»⁷⁸), e algo parecido com o registo de *Learning from Las Vegas*, a Manuel Vicente procurando uma crítica construtiva, e este «não usou “pezinhos de lã” nas críticas; a Casa G foi violentamente questionada, a minha cabeça chocalhada de novo. Mas os desenhos, os muros de Alcanena, as casas texturadas atrás, os volumes tornados abstractos e ruidosamente coloridos que lhes mostrei, foram valorizados; aquela específica análise a que eu me dedicara, encorajada.»⁷⁹. Este foi, provavelmente, o seu “bilhete de ida” para Macau⁸⁰, onde veio a estagiar e a produzir *Macau Glória* (1978) com Manuel Vicente, que é «uma espécie de *Learning from Las Vegas* transposto para Macau, com um sabor português, ainda menos sistemático, mais livre e poético».⁸¹

Apesar destes dois professores em especial, outros nomes foram importantes, como Manuel Tainha (1976-92), com a sua sábia conjugação entre o exercício da profissão, o ensino e a reflexão; Frederico George (1957-81), que mantinha um forte carisma e transmitia a análise física e social de edifícios ou exercícios abstractos próximos dos praticados na Bauhaus; Tomás Taveira (desde 1971), com a sua personalidade indiscutivelmente marcante, pela positiva ou pela negativa, para muitos alunos e cuja acção se estendia para lá da sala de aula (com o crescimento da sua obra pela cidade, o seu estilo *pop*, o seu

⁷⁷ «Era um livrinho, com textos e cheio de desenhos, que constituía um corpo autónomo. O projecto para a tal casa [a casa G] era muito influenciado por essa pesquisa [ali, na vila, a desenhar uma série de coisas que me chamavam a atenção]. Continha muita coisa encontrada através do desenho e recriada a partir dali.» DIAS, Manuel Graça. Reescrever o pós-moderno. p.69

⁷⁸ DIAS, Manuel Graça. *In* Graça Dias: a propósito de uns desenhos coloridos. [em linha]

⁷⁹ *idem*

⁸⁰ «No Outono de 1977 perdi a timidez e escrevi-lhe para Macau. Pedi-lhe para trabalhar no seu atelier. Creio que no Natal, em Lisboa, tivemos uma conversa. Muito por causa dos meus desenhos, achava-me indicado para um trabalho que propusera à Gulbenkian de “levantamento” do património construído de Macau. Passou-me uma carta que me autorizava [a obter a bolsa da ESBAL e] aparecer-lhe em Macau.» *idem*

⁸¹ FIGUEIRA, Jorge. *A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80.* p.243

entusiasmo teórico nos *media* e a dedicação à divulgação da arquitetura internacional)⁸².

A cultura Americana chegou à ESBAL sobretudo através de Manuel Vicente (como já foi referido), mas também de Tomás Taveira na sua vertente Pop. No caso de Tomás Taveira, a singularidade do seu percurso residia no seu empenho na divulgação da novidade pós-moderna em oposição ao domínio estrito do moderno. Mas com o tempo a projecção mediática de Taveira e adesão emocional aos seus pressupostos, nomeadamente na comunidade escolar, abrandaram.⁸³

É muito importante referir também o facto de muitos desses professores terem aceiteado nos seus *ateliers* recém-formados e alunos (trabalhadores-estudantes) tornando o ensino da arquitetura quase como uma escola contínua, mesmo após as aulas.⁸⁴

A nível de conteúdo, existia uma maior divulgação nas aulas, que fez parte integrante da “novidade democrática”, sobre o que se passava no mundo da arquitetura e arte, tanto a nível de eventos, como de obras e de autores e críticos. «A circulação dos respectivos catálogos e a publicação de revistas sobre os temas “quentes” [nomeadamente da revista *ArquitECTURA*], bem como outras publicações que entretanto surgirão, não serão talvez o facto mais exemplar da nova economia de mercado mas terão uma expressão significativa no interior da Escola.»⁸⁵

A aproximação ao desenho não só como experimentação do programa e metodologia, mas também numa vertente mais fantasiosa, imaginativa e ecléctica veio aproximar o ensino ao paradigma pós-moderno, acabando com os “organigramas funcionais” que eram pedidos à cadeira de projecto antes de 74.

⁸² Cf. SILVA, Leonor Cabral Matos. *Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*. p.61-62

⁸³ *idem*

⁸⁴ *idem*

⁸⁵ *ibidem* p.137



Manuel Vicente e Manuel Graça Dias
Visita guiada por Manuel Graça Dias à obra de Manuel Vicente, Macau.

Pertencente à “nova geração”⁸⁶ de arquitectos «voluntariosamente pós-modernista», Manuel Graça Dias emerge como figura central desta: «Partindo da abordagem de Manuel Vicente, com quem partilha, entre 1978 e 1980, a aventura macaense, escrevendo regularmente na imprensa e tendo também actividade intensa como arquitecto, Graça Dias estabelece uma relação vital entre a teoria e a prática que lhe vai permitindo configurar um pós-modernismo com raízes na cultura portuguesa».⁸⁷ Actualmente Manuel Graça Dias é professor de Arquitectura e marca pela originalidade dos exercícios que propõe e pela forma como conduz as aulas.⁸⁸

⁸⁶ «(..) uma nova geração de arquitectos que terá mais consciência sobre o lugar pós-moderno - a ser ocupado ou rejeitado (...) - rematando, assim, a actuação dos autores (...) que arripiaram caminho, conquistando esse espaço afinal possível no seio da arquitectura portuguesa». *idem* p.129

⁸⁷ FIGUEIRA, Jorge. A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80. p.275

⁸⁸ SILVA, Leonor Cabral Matos. Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990. p.62



A Casa do Futuro
Alison e Peter Smithson, 1956

· O debate arquitectónico emergente: Pós-Modernismo

Podemos dizer que os primeiros indícios do fim do Moderno começaram na década de 60 quando se assiste a uma revisão do Movimento. Alison e Peter Smithson questionam alguns pressupostos da “cidade funcional” que os CIAM⁸⁹ anunciavam, procurando «encontrar uma relação mais precisa entre a forma física e a necessidade sócio-psicológica»⁹⁰, são eles que «quase uma década antes de Robert Venturi (...), chama a atenção para uma nova cultura emergente e as suas consequências na cultura arquitectónica»⁹¹.

«O regime ditatorial e fascista português, remetido a um progressivo isolamento face à Europa saída da II Guerra Mundial, tinha sobrevivido provincianamente fechado em si mesmo (...) 1961-1974 -, enquadra-se num ambiente sociopolítico e num contexto disciplinar que poderia, numa primeira observação rápida, julgar-se estável, sem sobressaltos, sem demasiadas dissonâncias, monótono até.»⁹²

O debate crítico ao moderno foi mais sentido no estrangeiro, como razão para a pouca produção/adesão teórica estavam esses anos de isolamento geográfico e político de um Portugal censurado pelo “lápiz azul”: «Somos uma geração que nasceu confusa e que, triste, viu à sua volta o falso moderno chegar ao poder, nas suas preguiçosas vertentes tecnocráticas e insignificantes no seu mistificante discurso autoritário, escudado na grosseria de um regime que provocava um estranho apartar da água.»⁹³

Com a democracia começavam a entrar temas como a condição pós-moderna (conceito de Jean-Fraçois Lyotard), e a pós-modernidade é a dominante

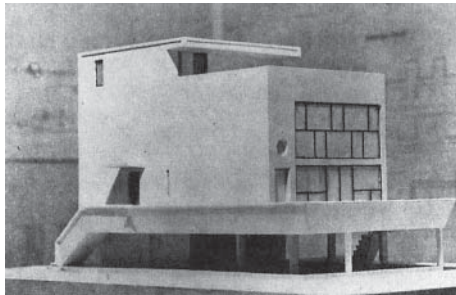
⁸⁹ CIAM: *Congrès Internationaux d'Architecture Moderne*

⁹⁰ FRAMPTON, Kenneth. *apud* SILVA, Leonor Cabral Matos. *Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*. p.102

⁹¹ FIGUEIRA, Jorge. *A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80*. p.55

⁹² FERNANDEZ, Sergio. *Arquitectura do século XX: Portugal*. p.55

⁹³ DIAS, Manuel Graça. *O terror do vazio*. *in* *Por uma Vanguarda Popular*. *Jornal Arquitectos, Antologia 1981-2004*. p.65



Maison Citrohan
Le Corbusier, 1927

cultural (expressão de Frederic Jameson). Embora a discussão sobre a pós-modernidade se processa-se essencialmente a nível filosófico (com destaque para Jean-François Lyotard) ela adquiriu, sintomaticamente, uma definição mais clara na arquitetura; com efeito, foi Charles Jencks quem anunciou a “morte da arquitetura moderna”, definindo uma arquitetura pós-moderna como aquela que deseja comunicar e o faz com base numa linguagem (pós-moderna).

O Pós-Modernismo, que surge na arquitetura na segunda metade do século XX, proporcionou uma série de novas propostas arquitectónicas, sendo evidente o objectivo de estabelecer uma crítica à arquitetura moderna: «(...) o medo da tristeza e da solidão que viveremos, uniu-nos e, provocatoriamente anti-“modernos”, avançamos (...)»⁹⁴.

Para percebermos como o fenómeno “pós-modernista” chegou a Portugal e à escola é necessário contextualizá-lo num panorama internacional, começando por salientar os princípios modernos que este critica.

A arquitetura moderna foi o reflexo das grandes inovações técnicas que começam a surgir já no fim do século XIX. Os grandes avanços da engenharia e das inovações técnicas, por conta do uso de novos materiais, como o ferro, vidro, cimento, alumínio e materiais plásticos, resultaram numa nova e variada gama de experiências construtivas na arquitetura. Le Corbusier, Frank Lloyd Wright, Walter Gropius (fundador da *Bauhaus*⁹⁵) e Mies van der Rohe representaram o quadro dos grandes artífices de uma definitiva renovação da arquitetura.

Após a segunda guerra mundial, os modernos centraram-se em soluções racionalistas e na busca da funcionalidade da cidade⁹⁶, mais tarde esta passa a ser criticada como a cidade do anonimato (facto que gerou também segregação

⁹⁴ *idem*

⁹⁵ A escola da *Bauhaus* é de grande importância para o movimento moderno tanto para o *design* como para a arquitetura, sendo uma das primeiras escolas de *design* do mundo. Esta combate a “arte pela arte” e estimula a livre criação com a finalidade de ressaltar a personalidade do homem.

⁹⁶ Como está previsto na Carta de Atenas: a cidade é o lugar para morar, trabalhar, circular e que proporciona lazer, uma cidade sectorizada.

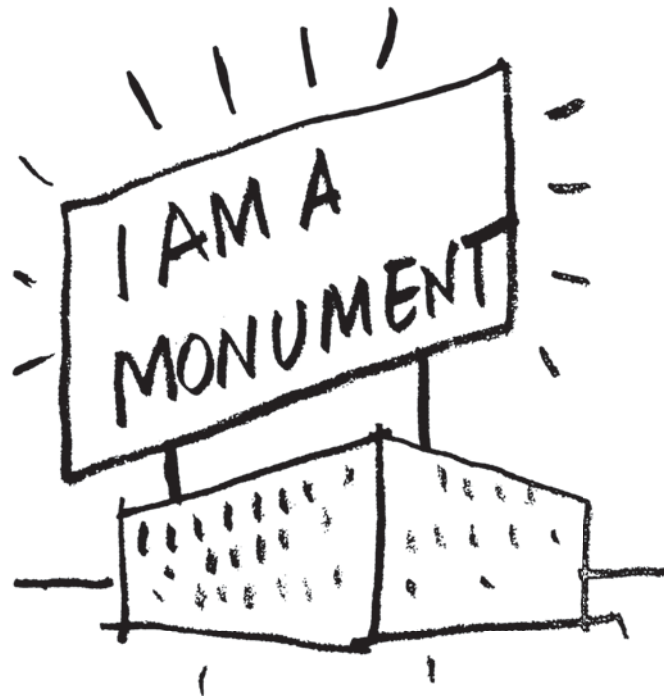
sócio-espacial nas cidades). A “máquina de habitar” veio atender aos ditames da vida moderna, mas segundo Philippe Bourdon, em “*Le Corbusier em Pessac*” (1967), estas habitações sem identidade não atendiam às necessidades dos moradores pois estes não procuravam o aspecto da “máquina de habitar” mas sim a expressão da ideia arquetípica de lar.⁹⁷

A origem do debate pós-modernista remonta ao final dos anos cinquenta nas artes e na computação com o início da criação da cultura virtual, expandindo-se nos anos 60 com o movimento *Pop-art*. Surgiu no contexto da contracultura, numa fase de total transformação com ideias e estratégias projectuais diferentes das defendidas e criadas pelo período moderno, tecendo desta forma a grande crítica ao estilo internacional, ao mesmo tempo que reavalia a importância do contexto histórico no desenvolvimento de novos projectos de arquitectura. Na década de 70 cresceu através da filosofia como crítica à cultura ocidental e alastrou-se discutindo o modo de vida da sociedade moderna industrial dos anos que se sucederam ao segundo pós-guerra.

Em 1966 é publicado, nos EUA, *Complexity and Contradiction in Architecture* de Robert Venturi. Num choque frontal com os ideais modernos, explorou uma atitude pluralista e fenomenológica, e pode ser considerada a primeira posição contrária à dominância do Estilo Internacional. «Para Scully, foi a “capacidade” de Venturi de “assumir temas arquitectónicos a partir da cultura popular” que estabeleceu “a ruptura final com o snobismo do *International Style* em relação às questões formais.”⁹⁸ Venturi criticava o facto de no pensamento arquitectónico dos anos 60 tudo girar à volta da função e da forma e de nenhum arquitecto privilegiar o simbólico na arquitectura. Ele introduziu conceitos como: maior significado, dupla-função, pluralidade ou o olhar sobre referências conexas (originado na psicologia de Gestalt). Mostrava que o problema da arquitectura e

⁹⁷ Cf. MONTANER, Josep Maria. Depois do movimento moderno: arquitectura da segunda metade do século XX. p.

⁹⁸ FIGUEIRA, Jorge. A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80. p.177



139. Recommendation for a monument

Learning From Las Vegas,
Robert Venturi

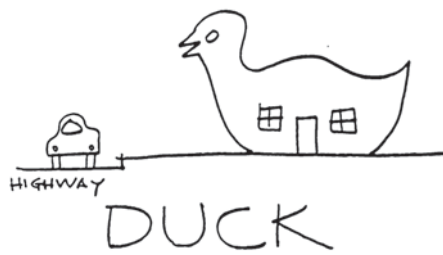
do urbanismo modernista era serem enfaticamente reducionistas, resolvendo os problemas de maneira a limitá-los, por meio de soluções puras e tediosas. Embora esta simplificação resultasse em alguns belos edifícios, o maior resultado do modernismo era uma suavidade excessiva, como Robert Venturi o propôs na sua reformulação da frase de Mies van der Rohe "*Less is More*" (menos é mais): "*Less is Boring*" (menos é entediante). Afirmou que a arquitectura moderna não estava à altura da arte e da ciência desse período, a qual tem a problemática da complexidade e contradição.

Para resolver os problemas que encontrava no moderno, o arquitecto propôs o exercício da inclusão, que conduz a uma ampla interpretação, com elementos de dupla função, reforçando sua teoria de que mais não é menos. A sua teoria é afirmada pelos princípios da semiótica⁹⁹, pelo valor poético que a ambiguidade atinge, e por meio do significado da arquitectura pautada na história da disciplina. Este discurso "populista", mais humano, «visa directamente o "coração" das pessoas [Venturi] quer encontrar um sentimento doméstico, o afecto da casa, um sentido de pertença (...) afasta-se da imaginação ou da seriedade tecno-científica da segunda metade da década de 60 para figurar um arquitecto pragmático, realista, "anti-herói"»¹⁰⁰.

Mais tarde *Learning From Las Vegas*, publicado em 1972, surgiu como um "chamamento" para os arquitectos serem mais receptivos aos gostos e valores "comuns" das pessoas e mais modestos nas suas edificações "heróicas". Em jeito de "tratado de arquitectura da geração pop", o livro era uma pesquisa revolucionária do final dos anos 60: num tom irónico, os autores fizeram críticas explícitas à arquitectura moderna, que consideravam dogmática e utópica, e procuravam aprender com a paisagem existente e a arquitectura comercial, "feia e banal" de *Las Vegas*. Retrata o conceito da paisagem urbana no corredor comercial de *Las Vegas*, a *Strip*, utilizada como meio de comunicação comercial, crescendo de forma desordenada e sendo orientada pelos automóveis, recorrendo muito da imagem. A obra é dividida em duas partes, a primeira aborda o aspecto da arquitectura que compõem *Las Vegas* que a torna um fenómeno de

⁹⁹ A semiótica estuda os fenómenos culturais como sistemas de significação.

¹⁰⁰ *ibidem* p.124



75. Duck

Learning From Las Vegas,
Robert Venturi



76. Decorated shed

Learning From Las Vegas,
Robert Venturi

comunicação evidente, com seus inúmeros *letterings* luminosos que dominam o espaço e muitos estacionamentos na frente dos edifícios para chamar a atenção dos motoristas. Também expôs de forma objectiva a questão do simbolismo na arquitectura, que faz dos *letterings* e *outdoors* elementos mais marcantes na paisagem do que a forma dos próprios edifícios. Na segunda parte – *Ugly and Ordinary Architecture, Decorated Shed* – é enfatizada a questão da imagem estar acima do processo de criação e da forma do edifício. Este conflito entre a imagem e a forma pura da arquitectura é citado pelos autores através dos conceitos de "duck" - símbolo - e o "decorated shed" - o edifício enfeitado. Os autores fizeram uma associação deste modo de construir a um "difusão urbana", um lugar no qual as edificações nasciam de forma espontânea, informalmente.

No final dos anos 60, o debate sobre literatura pós-moderna que ocorria nos EUA era recebido na Europa de duas formas: por um lado pelo trabalho de Jean-François Lyotard (Filósofo Francês, um nome incontornável em qualquer referência à pós-modernidade, 1924-1998) e, por outro, pela transposição prática na arquitectura¹⁰¹.

Em 1979, Lyotard¹⁰² escreveu *La Condition postmoderne*. Esta reflexão sobre a condição pós-moderna surgiu no momento em que se solidifica na sociedade contemporânea uma cultura técnico-cibernética e informacional. O livro consiste na análise da condição do saber na actual situação da cultura ocidental, apontando a reformulação da natureza do saber como estando no centro de uma mudança histórica e cultural. "A condição pós-moderna" é um ensaio sobre a hipótese de estarmos em toda a sua natureza: nos seus referentes, nos seus destinadores e nos seus destinatários. Lyotard afirmou que "pós-moderno é a incredulidade em relação às metanarrativas", com isto quer dizer que a experiência da pós-modernidade decorre da perda das nossas crenças em visões totalizantes da história, que prescrevem regras de conduta política e ética para toda a humanidade.

¹⁰¹ A arquitectura não é o sector onde o pós-modernismo se articulou mais cedo, mas é o mais proeminente.

¹⁰² Lyotard foi um dos principais "pensadores", mas também o foram Frederic Jameson, Jürgen Habermas e Jean Baudrillard. Cf. SILVA, Leonor Cabral Matos. *Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*. p.104



Pruitt Igoe,
15 de Julho de 1972, 15h32min

Se as grandes narrativas que mobilizam a humanidade são abandonadas, surge, entre outros problemas, o de como justificar o saber na sociedade contemporânea.¹⁰³ A questão é que já não existia um acordo comum sobre esses valores. Ou, nas palavras do filósofo, não existia uma metanarrativa que tornasse os discursos aceites por todas as culturas (a modernidade deixa de ser viável com os seus standards e regras totalizantes). Lyotard não aceitou uma continuidade do projecto de modernidade pois via nisso um retorno à metanarrativa iluminista. «(...) a condição pós-moderna legitima-se ao transcender a Modernidade, para estabelecer uma nova síntese do todo que rodeia o ser humano.»¹⁰⁴

Em suma, Lyotard baseou-se no conceito de jogos de linguagem para afirmar que a legitimação dos saberes só podia ser local e contextual. Segundo ele, a pura performance reduzia a ciência ao seu aspecto industrial, comercial e lucrativo. Lyotard procurou então uma alternativa num dos aspectos mais positivos da pós-modernidade: o reconhecimento e o convívio harmonioso com as diferenças.

A “estreia mundial” da arquitectura pós-moderna deu-se com a publicação de *The Language of Post-Modern Architecture* de Charles Jencks (1977), nele expôs a sua opinião quanto às razões da decadência da Arquitectura Moderna (racionalista) e proclama a morte do moderno¹⁰⁵. Aludiu às transformações de forma irrefutável, consolidando uma nova consciência no modo de pensar, agir e sentir. Como consequência, novas publicações introduziram e predisseram a pós-modernidade na arquitectura¹⁰⁶.

Dessas críticas, a partir dos anos 60 até ao início dos anos 90, figuras como Robert Venturi, Philip Johnson e Michael Graves nos Estados Unidos, Aldo Rossi na Itália, além de James Stirling e Michael Wilford na Inglaterra, entre

¹⁰³ Por “saber” Lyotard entende um conjunto de conhecimentos que autoriza a determinada pessoa (cientista, juiz, filósofo, artista, etc) emitir juízos de verdade, moral e estética, isto é, de dizer que isto é certo ou errado, bom ou mal, feio ou bonito.

¹⁰⁴ Jean-François Lyotard e a Condição Pós-Moderna, *Signos*, ano 32, n. 1. p. 11

¹⁰⁵ Indicando com precisão a data da morte do moderno: 15 de Julho de 1972, pelas 15h 32min. Esta data coincide com o exacto momento da destruição (por dinamite) do complexo industrial “Pruitt Igoe”, construído em 1951 segundo as ideias mais avançadas dos CIAM (Organização Internacional dos Arquitectos Modernos, criada por Corbusier).

¹⁰⁶ Cf. MONTANER, Josep Maria. As formas do século XX. p.124

outros¹⁰⁷, tornaram realidade um novo pensamento sobre a produção arquitectónica. Inseriram uma série de novos e discordantes conceitos arquitectónicos fundamentais, tornando o período pós-moderno num momento de grande pluralidade respectivamente às temáticas de projectos. Na diversidade de conceitos de arquitectura desenvolvida no pós-moderno, destacaram-se diferentes correntes arquitectónicas e seus defensores, o que tornou os últimos anos do século XX num caleidoscópio com diversas tendências.

A partir dos anos 70 a maioria das publicações de teoria e história da arquitectura tentou reconhecer a produção de espaços e edifícios como um sistema de linguagem. A intrínseca relação entre a ideia de linguagem e a geração de espaço – e mais especificamente, de formas – é uma chave para a compreensão do que se entende por arquitectura pós-moderna. Nos escritos dos anos 70 e 80 verifica-se ora um esforço em compreender o projecto como uma construção linguística, ora uma tentativa de entender o edifício e a cidade como um texto a ser lido.¹⁰⁸

Apesar do Manifesto de Charles Jencks, que determinou com precisão a data da morte do moderno, é, na realidade, impossível determinar o fim da modernidade pois os princípios modernos ainda permeiam a formação de alguns profissionais, e a pós-modernidade ainda é um processo em curso, transformando-se com o tempo.

¹⁰⁷ Também o gupo *Archigram*, a publicação *Collage City* de Collin Rowe ou a obra dos *Five Architects* (Peter Eisenman, Michael Graves, John Hejduk, Charles Gwathmey e Richard Meier) mostraram sinais de inquietação em torno deste debate. Cf. SILVA, Leonor Cabral Matos. *Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*. p.103

¹⁰⁸ Maciel, Carlos Alberto. "Difícil Tradução. Arquitectura e o problema da linguagem" [em linha]



Póvoa de Lanhoso, Braga
Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa

«Tanto do ponto de vista dos estilos como no da cultura em geral, o pós-moderno não foi apenas um fenómeno de moda do nosso país; a sua origem foi bem portuguesa, profundamente ligada a condicionantes da História de Portugal no século XX.»¹⁰⁹

O período entre 1960 e 1974 em Portugal foi marcado, não só por relevantes acontecimentos históricos, como a guerra colonial, a emigração massiva, agitações políticas e um vasto processo de urbanização, mas também pela emergência de movimentos na arquitectura que mudaram a paisagem cultural dos últimos cinquenta anos. Os factores económicos e o reduzido desenvolvimento industrial geraram emigração massiva por falta de condições elementares de sobrevivência; aumentaram as construções da “casa do emigrante” cujos paradigmas resultam, de modo geral, em caprichosas aculturações.¹¹⁰

A arquitectura “procura-se”, procura a sua identidade, uma expressão própria. Em 1961, com a publicação do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, percebe-se esse «desejo de um conhecimento fundado na realidade portuguesa»¹¹¹.

Com Marcello Caetano no Governo, que vem substituir Salazar, que desaparecera, em 1968, desenhava-se uma maior abertura política. O programa SAAL¹¹² antecedeu-se à realidade do pós-25 de Abril, em que, de uma maneira diferente, houve a participação dos utentes no programa; este «foi um dos mais

¹⁰⁹ GOMES, Paulo Varela. *apud* FIGUEIRA, Jorge – Reescrever o pós-moderno. p. 178

¹¹⁰ Cf. FERNANDEZ, Sergio. *Arquitectura do século XX: Portugal*. p.55- 57

¹¹¹ *ibidem* p.56

¹¹² O SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) é criado com o intuito de dar apoio à população em situações precárias. O programa SAAL constituiu uma espécie de laboratório de experimentação sobre novas metodologias de projecto, consolidando todo o debate promovido ao longo da década anterior. Este método de projecto procurou conhecer para compreender, mas também dialogar para intervir, tentando encontrar outras formas de construir o espaço urbano e o espaço habitacional na democracia. Cf. MONIZ, Gonçalo Canto. *A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968-1969*. [em linha]



Bairros SAAL estudados
em S.Vitor, Bouça e Massarelos

significativos palcos dos conflitos que vieram a estabilizar o novo poder democrático que o veio a extinguir.»¹¹³

«O país que saía do processo revolucionário era um país novo. A irreverência, a reivindicação, a iniciativa privada (ainda não institucional, mas já pessoal) generaliza-se. (...) Institucionalmente, assiste-se a uma certa estabilização e ordenação. Após anos tumultuosos, que tiveram o seu auge na interrupção do ensino nas escolas de Lisboa e do Porto, e nas operações SAAL, reabriram em 1976 as duas escolas de Arquitectura, reaparece em 1979 a revista *Arquitectura* e dissolvem-se naturalmente os impulsos extremistas de alguns arquitectos, enquanto se assiste ao retorno da actividade corrente, sobretudo a promovida pelo Estado, por intermédio do Fundo de Fomento da Habitação.»¹¹⁴

Não houve ruptura a nível de intervenções urbanas e arquitectónicas com a crise revolucionária de 1974-75: «As tipologias ou as linguagens são, no seu conjunto, um reflexo continuado do debate em curso que propõe um alargamento das referências historicamente relacionadas com o movimento neo-realista de origem italiana e uma maior abertura às experiências que nesta área programática, a da habitação popular de baixo custo, tinha sido desenvolvida em movimentos anteriores pelos arquitectos modernos (...)»¹¹⁵. Segundo Alexandre Alves Costa, só o SAAL constituiu novidade sem precedentes, mas devido à sua curta duração «não permitiu consolidar, nem aprofundar, uma teoria e uma prática em processo de elaboração entre conflitos (...)»¹¹⁶

Numa primeira fase a arquitectura ficou “dormente” - «apesar do SAAL, o recuo na actividade económica provoca o retorno ao pequeno *atelier* e a dispersão geográfica de muitos profissionais, nomeadamente recém-formados em busca de trabalho»¹¹⁷.

¹¹³ COSTA, Alexandre Alves. *Arquitectura do século XX: Portugal*. p.67

¹¹⁴ ALMEIDA, Rogério Vieira de. *Arquitectura do século XX: Portugal*. p.74-75

¹¹⁵ COSTA, Alexandre Alves. *Arquitectura do século XX: Portugal*. p.65

¹¹⁶ *idem*

¹¹⁷ SILVA, Leonor Cabral Matos. *Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*. p. 108

No entanto começaram a surgir os primeiros indícios de uma arquitetura «com as exigências de rigor, inovação e progresso que caracterizavam a evolução da arquitetura do século XX»¹¹⁸. A sociedade Portuguesa que, desde 1976, se encontrava num estado económico de fechamento, privação e “poupança”, começa a partir de 1987 a abrir-se ao consumo e progressivamente aos “excessos” do consumismo. Isto permitiu que a multiplicidade entrasse, permitiu que finalmente o pós-modernismo fosse “produzido” e “consumido”. A permeabilidade a outras culturas (principalmente através dos emigrantes) é um dado adquirido da história portuguesa mas adquiriu particular significado no cosmopolitismo militante da cidade de Lisboa nos anos 80. O revivalismo historicista, as propostas de Venturi e as críticas e revisões à arquitetura moderna que até aqui tinham sido pautadas por critérios de correcção e de utilidade pública, viram um Portugal de portas abertas: o “gosto”, a ironia e o espectáculo das formas eram agora bem-vindos. Inicialmente, este processo de afirmação de uma arquitetura “do prazer”, foi liderado por Manuel Vicente e Tomás Taveira. Mas, paralelamente, autores da mesma geração, como Luís Cunha e Hestnes Ferreira, prosseguiram um percurso marcado pela individualidade e pela marginalidade.¹¹⁹

Nos anos 80, o leque de possibilidades ampliou-se «porque corresponde a um período (...) em que a própria identidade de Portugal se está a refundar.»¹²⁰. Cineastas e arquitectos circulavam nos mesmos meios e discutiam como as duas disciplinas se podiam influenciar mutuamente, não apenas culturalmente, mas como processos de projecto que lidam com o uso do espaço.¹²¹ Neste contexto de multiplicidade não existia expressão dominante para o pós-modernismo português. Por entre divergências e convergências havia: Historicismo; Eclectismo Pop; do *lettering* e mobiliário à cenografia teatral; Eclectismo

¹¹⁸ ALMEIDA, Rogério Vieira de. *ArquitECTURA do século XX: Portugal*. p.75

¹¹⁹ *Cf. idem*

¹²⁰ FIGUEIRA, Jorge. *A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitetura portuguesa, anos 60-anos 80*. p.1

¹²¹ *Ruptura Silenciosa. Intersecções entre a arquitetura e o cinema. Portugal, 1960-1974*. [em linha]



Pop-art,
Andy Warhol

programático; Modernidade radical fundada no sentido do sítio; Tipologias simples e tradicionais; Tipologias complexas e livres¹²².

Existia uma certa divergência entre Lisboa e Porto: «No Porto a abordagem é mais tensa quanto em Lisboa é jubilosa. No Porto há uma evidente relutância na aceitação do “fim” enquanto em Lisboa se comemora o “princípio”. O Porto vive uma tragédia, enquanto em Lisboa, sob o fundo *warholiano* do “tudo é belo”, se prepara a comédia.»¹²³

«A “cultura popular”, tradicionalmente na periferia da “alta cultura”, toma agora o espaço do centro».¹²⁴ Surgiu um novo cosmopolitismo, mais marcado em Lisboa¹²⁵. Este cosmopolitismo era «mais urbano e português, longe das preocupações de universalidade e modernidade dos anos 50. Mas são semelhantes as vontades de actualização, o gosto da forma pela forma e a recusa do tradicionalismo português. Só o pluralismo e a diversidade de direcções proposta é diferente.»¹²⁶

A arquitectura de Tomás Taveira¹²⁷, uma arquitectura em clima festivo, foi bem aceite na sociedade: «junta-se o desejo da arquitectura falar à cidade que quer ouvir»¹²⁸.

A exposição *Depois do Modernismo* (SNBA, 1983)¹²⁹, coordenada por Luís Serpa, introduziu em Portugal a temática e o debate pós-moderno. Destacou-se

¹²² Cf. ALMEIDA, Rogério Vieira de. *Arquitectura do século XX: Portugal*. p. 81

¹²³ FIGUEIRA, Jorge. *A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80*. p.12

¹²⁴ *ibidem* p. 123

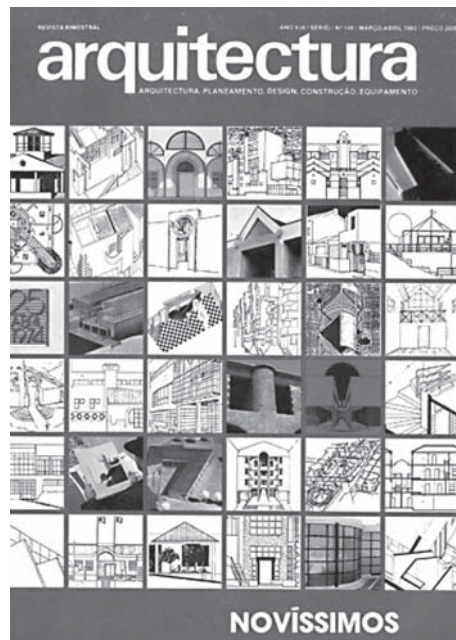
¹²⁵ O cosmopolitismo Lisboeta, e numa sociedade crescentemente consumista, é especialmente susceptível à multiplicação de estímulos sendo talvez por esse motivo que a maior parte dos exemplos da arquitectura pós-modernista sejam nesta cidade.

¹²⁶ ALMEIDA, Rogério Vieira de. *Arquitectura do século XX: Portugal*.p.76

¹²⁷ «(...) como é que se pode cortar as raízes? Creio que ninguém pode...» TAVEIRA, Tomás. cit. Por: FIGUEIRA, Jorge – *A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80*. p. 106 [resposta de Taveira relativamente à crítica feita às amoreiras dizendo que eram Moderno sendo ele Pós-Moderno declarado]

¹²⁸ SILVA, Leonor Cabral Matos. *Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*. p. 118

¹²⁹ Tem como objectivo estender a Portugal o debate sobre a condição de uma arquitectura pós-moderna, numa visão integrada das diferentes artes.



Novísimos,
Revista Arquitectura, 1983

pela participação de uma geração que procurava o seu espaço de afirmação e que colocava questões relativamente novas em Portugal ligadas à condição pós-moderna. O conjunto resultou na exibição de uma tendência geral de superação dos valores do modernismo e das vanguardas, e na constatação da pluralidade. Uma pluralidade onde se fez o ponto de situação da actividade dos jovens arquitectos e onde coexistem sementes de futuras oposições. No entanto a recessão económica dos finais da década de 80 e inícios de 90, constituiu um crivo por onde passaram inúmeros projectos, galerias e artistas. Esta nova geração (em grande parte representada no *Depois do Modernismo*) busca «uma abertura, antes inexistente, a novas linguagens, conceitos, práticas, que desbloqueiem esta profissão por ora tão desgastada»¹³⁰.

O fenómeno pós-moderno na arquitectura portuguesa é no entanto tão intenso como circunstancial. O início da época corresponde a uma “fase intuitiva”¹³¹. Só a partir de 85 é que encontra o seu lugar para ganhar, a partir da década de 90, a “má fama”¹³² ainda persiste. Tomás Taveira, ao anunciar o início do “movimento pós-modernista” (1982), inaugurou o debate arquitectónico em torno da apropriação de uma linguagem importada; de outro lado, os recém-formados inclusos no número *Novíssimos* da Revista Arquitectura ou participantes no *Depois do Modernismo* encabeçaram uma contraproposta: mais “naif, tentativa e portuguesa”. A partir de 1985 inicia-se um período de maior reflexão no *Jornal Arquitectos* (em grande parte com artigos de Manuel Graça Dias) ao mesmo tempo que surgem os primeiros balanços teóricos.¹³³

Mesmo no seu início, o pós-modernismo fez-se sentir na cidade com polémicas arquitectónicas como a discussão sobre a aprovação (ou não) do projecto da Casa dos Bicos, de Manuel Vicente e João Santa-Rita (1983), ou

¹³⁰ FERNANDES, José Manuel. *Novíssimos*. in *Arquitectura*, nº 149. p. 15

¹³¹ Cf. FIGUEIRA, Jorge. *A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80*. p. 299

¹³² Cf. *ibidem* 12

¹³³ Cf. *ibidem* p. 256



Amoreiras,
Tomás Taveira



Bonjour Tristesse,
Álvaro Siza Vieira



Casa dos Bicos
Manuel Vicente e Daniel Santa-Rita



Casa das Artes
Eduardo Souto de Moura

como o “odiado por uns, amado por outros” complexo Amoreiras, de Tomás Taveira (1985).¹³⁴

Em 1986 a exposição *Tendências da Arquitectura Portuguesa*, em Lisboa, apresentou o “depurado”, o “luminoso”, o “familiar”, o “impuro” e o “extravagante”: são os 5 arquitectos – respectivamente: Siza Vieira, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente e Tomás Taveira. Já em 1985, na exposição *Desenhos de Arquitectura*, o pós-modernismo foi apresentado pelas mãos de Luiz Cunha, Manuel Graça Dias, Troufa Real e Tomás Taveira.¹³⁵

¹³⁴ Cf. HENRIQUES, Ana; SOARES, Marisa. Amoreiras: a polémica passou de moda, o *shopping* subiu de estatuto. Cidades, Jornal Público.

¹³⁵ Cf. SILVA, Leonor Cabral Matos. Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um Olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990. p. 121

«Pós-modernos somos todos.»¹³⁶

A linguagem pós-moderna é uma experiência contemporânea na qual vivemos e nos adaptamos e por sua vez se adapta a nós. Provida de variáveis e possibilidades diante da diversidade cultural global, é uma avalanche de estilos que se apresentam de formas diferentes, sem totalitarismos e conseqüentemente sem hierarquias. Com o pós-modernismo o técnico e o simbólico encontraram-se num misto de arte, ciência e tecnologia. Ao mesmo tempo é uma linguagem simplificada pelo costume de se acumular cada vez mais informações, uma linguagem cada vez mais multimídia e transdisciplinar. É também uma linguagem interdisciplinar em que os aspectos sociais, políticos, culturais, económicos e tecnológicos se entrelaçam através de informações, imagens, poder, ideologias, saberes e competências. A interdisciplinaridade rompe com as fronteiras, tendo por base a mutabilidade, flexibilidade, o não linear e o respeito pelas diferenças, pois o processo de globalização, impulsionado pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, ao interligar o mundo confronta-se com diferentes ideologias, culturas e conceitos. Manuel Vicente abriu novos horizontes a Manuel Graça Dias quando, através das suas aulas, levou a cultura pós-moderna para a ESBAL.

«A cultura pós-moderna é infra-estrutural à invenção tentada de um país novo no pós-25 de Abril. Às Amoreiras, de Tomás Taveira, podemos contrapor o “*Bonjour Tristesse*” de Siza em Berlim; ao imaginário cenográfico da intervenção na Casa dos Bicos, de Manuel Vicente e Daniel Santa-Rita, podemos contrapor o muro cenográfico da Casa das Artes, de Eduardo Souto de Moura; Manuel Graça Dias cria um pós-modernismo português escrevendo nas costas dos “arquitectos reaccionários” n’o *Independente*.»¹³⁷

¹³⁶ VIEIRA, Álvaro Siza. *apud* FIGUEIRA, Jorge. Reescrever o pós-moderno. p. 22

¹³⁷ FIGUEIRA, Jorge. A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80. p. 12

III. MANUEL GRAÇA DIAS

Manuel Graça Dias nasceu em Lisboa, em 1953, onde vive. Desde 1982 exerce actividade em Lisboa, quer individualmente quer em conjunto com os arquitectos Manuel Vicente, João Vieira Caldas, Júlio Teles Grilo, António Marques Miguel e Egas José Vieira. Com este último funda em 1990 o *atelier* Contemporânea, parceria essa que perdura até à data.

Licencia-se em 1977 na ESBAL (Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa) e inicia a sua profissão em Macau, com Manuel Vicente, entre 1978 e 1981, que tinha sido seu professor no último ano do curso, e que lhe proporciona «a abertura de um horizonte livremente pós-moderno».¹³⁸

Na sua carreira, muito activa, é professor no curso de arquitectura desde 1985, tem uma vasta obra construída, e várias participações nos media, revistas, jornais, rádio, televisão e livros sobre o tema.

O seu percurso como professor começa na FA/UTL (Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa), em 1985, tendo passado também pela Faculdade de Arquitectura do Politécnico de Milão e pelo Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Actualmente é professor auxiliar da FA/UP (Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto), desde 1997, onde se doutorou (Depois da cidade viária), em 2009, e professor catedrático convidado do DA/UAL (Departamento de Arquitectura da Universidade Aberta de Lisboa), desde 1998¹³⁹.

O seu método de ensino é várias vezes descrito como irreverente pelos métodos a que ocorre, fora do comum, e que usa nas suas aulas. Como já foi referido nesta dissertação, esta irreverência verifica-se desde cedo, quando dava aulas de Desenho, mesmo antes de acabar o curso de arquitectura. Em Coimbra pôs os alunos a trabalhar com “lixo”, mas a sua passagem por esta foi breve¹⁴⁰.

¹³⁸ *ibidem*

¹³⁹ Que também dirigiu entre 2000 e 2004. Cf. MILHEIRO, Ana Vaz. Manuel Graça Dias/Egas José Vieira. *In* Arquitectos Portugueses Contemporâneos. p.60

¹⁴⁰ Informação obtida em conversas com o Professor Doutor Gonçalo Canto Moniz.

Actualmente lecciona a cadeira de Teoria Geral da Organização do Espaço na FA/UP, onde familiariza os alunos com a cidade (tema central da sua obra) caracterizando os diversos espaços que a compõem e apelando «à memória espacial "escondida" de cada um (experimentação directa e indirecta), incentivando às "descobertas pessoais" sobretudo no que respeita à descoberta da arquitectura e da cidade.»¹⁴¹.

Em 2001 escreveu um artigo para o Jornal *Arquitectos*, intitulado *Ensino Poético*, onde reflectia sobre o ensino da arquitectura. Neste refere a necessidade do arquitecto adquirir um conhecimento vasto e aprofundado do “real” (sendo a Arquitectura uma das áreas de maior exercício intelectual) mas ao mesmo tempo reconhece «veleidade de dominar/controlar todo o *conhecimento científico* produzido» e propõe o “método poético” como «único plausível na procura de resultados satisfatórios, maiores, mais exaltantes» e «por outro lado, garantindo *alegria* ao “docente”.»¹⁴².

Seguidamente pretende-se fazer uma análise da produção arquitectónica de Manuel Graça Dias, na vertente das obras escolares e na vertente da crítica da arquitectura. Esta análise será dividida em duas partes, respectivamente.

Considerando Graça Dias como uma personagem que é “voluntariosamente pós-modernista”¹⁴³ e fazendo proveito das palavras de Jorge Figueira¹⁴⁴, à primeira parte chamámos “Derrapagem construtiva, Surto Eclético e Epidemia da *Forma*: a obra”. Respectivamente à segunda parte, e tendo em conta a acção crítica de Graça Dias, numa postura que tudo questiona, agitadora de mentalidades¹⁴⁵ com «Humor, ironia, boa disposição»¹⁴⁶, a esta chamámos “Ironia, Crítica, Provocação: a escrita”.

¹⁴¹ Cf. Objectivos. Teoria Geral da Organização do Espaço. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto [em linha]

¹⁴² DIAS, Manuel Graça. *Ensino Poético*. In *Jornal Arquitectos*, nº 202. p.28

¹⁴³ «(...) Manuel Graça Dias emerge como a figura central desta "nova geração", voluntariosamente pós-modernista.» FIGUEIRA, Jorge. *A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80*. p.275

¹⁴⁴ «Na arquitectura mais incontinentemente pós-modernista é evidente a derrapagem construtiva, o surto eclético, uma epidemia da *forma*.» *ibidem* p.455

¹⁴⁵ «(...)a postura inquieta, questionante e crítica de Manuel Graça Dias em relação à arquitectura como ainda ao *modus vivendi* em geral. Ciente da nossa condição contemporânea (o presente é agora e as questões de agora devem ser agora resolvidas e não adiadas, quando no futuro já serão outras), mantém-



Tonelli
Pancho Guedes, 1953

· Derrapagem Construtiva, Surto Eclético, Epidemia da *Forma*: a obra

A maior parte da obra construída de Manuel Graça Dias encontra-se polarizada em duas zonas de características tão diferentes sendo elas a pequena Chaves transmontana e a grande Lisboa, capital do país.

A sua obra caracteriza-se por um «resgatar da vida urbana, numa tarefa simultaneamente estética e ética, a possibilidade de uma experiência moderna.»¹⁴⁷. No entanto, a sua expressão arquitectónica importa influências do moderno colonial e não da “racionalidade” centro-europeia.

Essas influências coloniais resultam da experiência de Moçambique, Lourenço de Marques, onde Graça Dias viveu e conheceu a obra de Pancho Guedes, e habitou, inclusive, um edifício de sua autoria, o Tonelli¹⁴⁸. Resultam também das experiências heterodoxas e plurais com Manuel Vicente, com quem trabalhou em Macau. É ainda possível apontar inspirações de um modernismo de influência brasileira, de características mais plásticas que permitem dramatizar os espaços¹⁴⁹, à semelhança do *desenho arquitecturante* que Graça Dias incessantemente produz¹⁵⁰.

É, portanto, «um modernismo saturado, já aculturado por sucessivas sedimentações, pairando no interior de um senso comum que não é o do “homem novo”, cujo advento, aliás, não se verificou.»¹⁵¹.

se crítico e não embarca no sentimento de que nada podemos fazer para mudar as nossas cidades. Poderíamos defini-lo como um provocador e agitador de mentalidades.» Manuel Graça Dias. *In* Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013.

¹⁴⁶ DIAS, Manuel Graça. Abcdário, Factos Pós-Modernos. *In* Jornal de Letras, Artes e Ideias, nº 21-27. p.16

¹⁴⁷ COSTA, Alexandre Alves. O Heroísmo da Vida Moderna. *In* 11 cidades: projectos 1995-2005. p.15

¹⁴⁸ Cf. DIAS, Manuel Graça. Reescrever o Pós-Moderno. p.72

¹⁴⁹ Cf. FIGUEIRA, Jorge. O Mundo Português. *In* 11 cidades: projectos 1995-2005. p.25

¹⁵⁰ Cf. VICENTE; Manuel. O Efémere e o Permanente. *In* Graça Dias + Egas Vieira: projectos 1985-1995. p.7

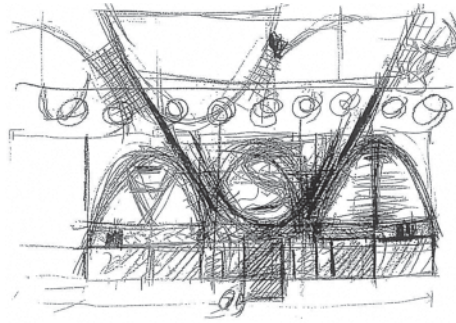
¹⁵¹ FIGUEIRA, Jorge. O Mundo Português. *In* 11 cidades: projectos 1995-2005. p.25

O programa sempre ponderado e respeitado; as formas sedutoras que criam espaços ambíguos e deslumbrantes; a materialidade que conjugando materiais menos nobres consegue espaços deslumbrantes e económicos; as cores vívidas e alegres; os símbolos, ou signos segundo Charles Jencks, que associa à arquitectura pós-moderna um “duplo significado”¹⁵² que consiste, por exemplo, em combinar técnicas modernas com construção tradicional; o jogo da luz regradada ou exponencial, criando espaços quase cenográficos; o sentido de urbanidade que acarreta para todos os projectos. Estes são aspectos presentes nas obras que a seguir vamos analisar; confirma-se assim que a arquitectura de Manuel Graça Dias e Egas José Vieira é “complexa e contraditória” por tudo isso, e especialmente nos seus espaços ambíguos e nas tensões do projecto:

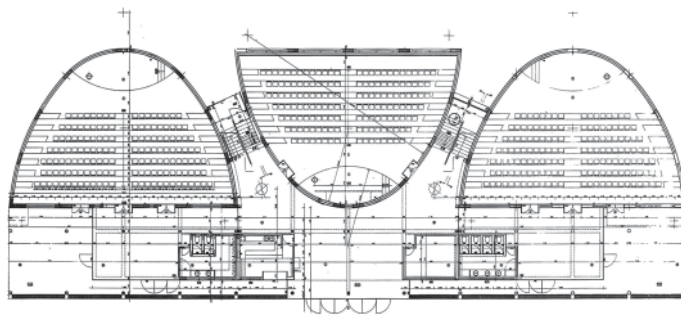
«Ambiguidade e tensão estão por toda a parte numa arquitectura de complexidade e contradição. A arquitectura é forma e substância – abstracta e concreta –, e seu significado deriva de suas características interiores e de seu contexto particular. Um elemento arquitectónico é percebido como forma e estrutura, textura e material. Essas relações oscilantes, complexas e contraditórias, são a fonte da ambiguidade e da tensão características do meio de expressão arquitectónica.»¹⁵³.

¹⁵² O *Double-coding* (duplo significado) é «a acumulação e jogo, em cada caso, de referências “altas” e “baixas”, eruditas e pop, permitem a coexistência de “significados” para vários destinatários; é o mecanismo que potencia o “pluralismo cultural” a que o pós-modernismo ambiciona.» Cf. FIGUEIRA, Jorge. *A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80*. p.165

¹⁵³ VENTURI, Robert. *Complexidade e Contradição em Arquitectura*. p.13



Estudo do Edifício



Planta do Piso Térreo



Anfiteatros

Anfiteatros e Salas de Aula no Instituto Superior de Agronomia, Lisboa (1991) - simultaneidade da invenção entre interior/exterior

Os terrenos de Agronomia localizados na Tapada da Ajuda são espalhados organicamente, aproximados por entre a densidade das matas, onde, segundo Graça Dias existem duas construções mais significantes, sendo elas o Observatório Meteorológico e o Pavilhão de Exposições¹⁵⁴. Apesar de serem objectos interessantes em si, aparecem apenas pontuados, e não conferem urbanidade à zona. A abordagem de Manuel Graça Dias e Egas José Vieira para o Bloco de Aulas pretende conferir uma certa urbanidade, para isso, apoia-se numa métrica que inscreve, simultaneamente, uma medida base propícia ao desenho, dimensões apropriadas ao tipo de programa e espaços constituídos por três anfiteatros e cinco salas de aula.

O programa dispõe-se arrumando as salas de aulas num volume longitudinal posicionado a norte, e os anfiteatros em três volumes de formas mais “orgânicas” que demonstram uma reflexão da forma interior para o exterior, ligados entre si pelos acessos verticais, voltados para sul.

O desenho e a disposição dos programas resultam numa «(...) simultaneidade da invenção entre interior/exterior. Essa viagem constante de ir e vir. Estar a fazer-se por dentro e a fazer-se por fora. Não é a questão da fachada; a fachada, neste labor projectual, entra sobretudo como parede do espaço exterior, como cara do edifício. Tiram-se constantemente consequências cúmplices, não se faz “composição de fachadas”.»¹⁵⁵

Se os anfiteatros, até pelo seu programa, resultam em formas densas e fechadas, sem “olhos”, e virados para as traseiras, as salas estabelecem relação com a rua, rasgadas por grandes janelas para uma optimização da iluminação (visto serem viradas a norte), e apoiadas em *pilotis*, criando dois pátios que

¹⁵⁴ Cf. DIAS, Manuel Graça; VIEIRA, Egas José. Blocos de Aulas no Instituto Superior de Agronomia, Lisboa. *In* Architécti, nº11/12. p.149

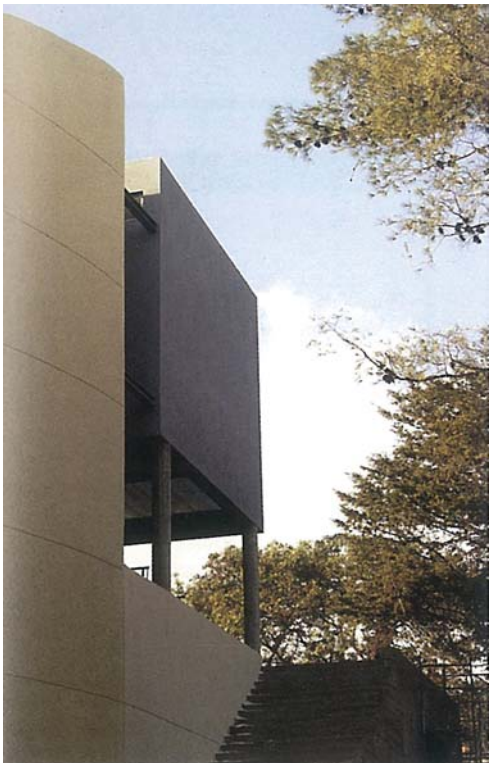
¹⁵⁵ VIVENTE, Manuel. Descobertas Parcelares. *In* 11 cidades: projectos 1995-2005. p.8



Cobertura



Anfiteatros



Acesso Lateral



Salas de Aulas



Pátio

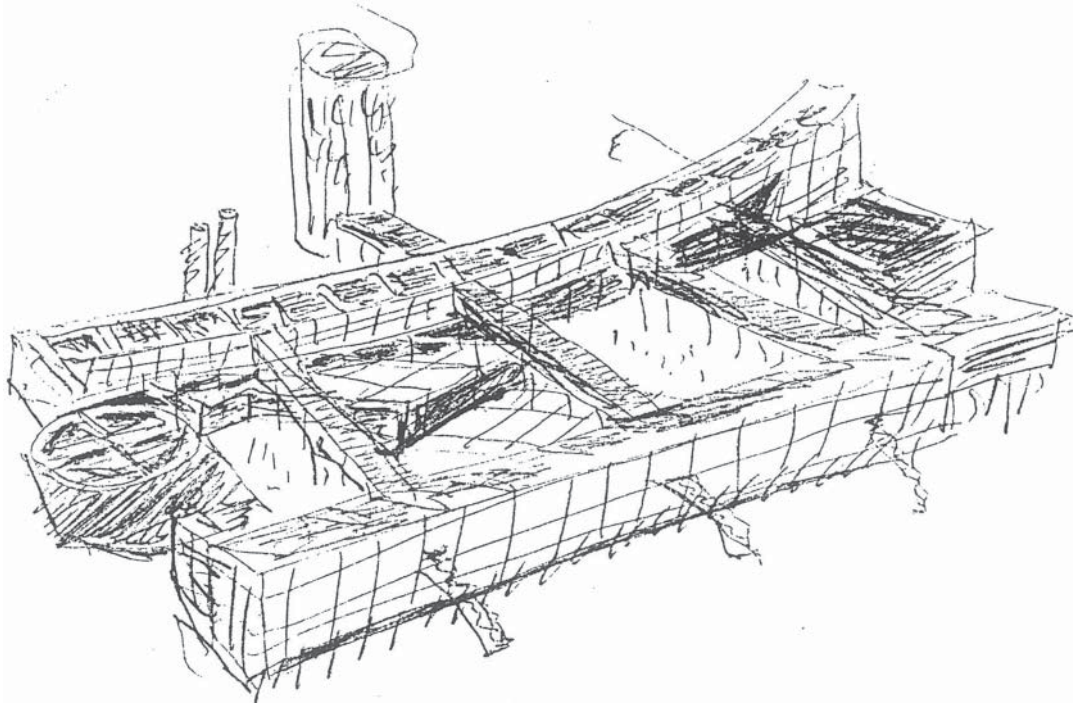
servem como áreas de “descompressão”. Estes dois pátios são separados ao centro pelo volume de uma das salas de aula que desce até ao solo, para se estabelecer aí a entrada e o *hall* de distribuição para as salas de aula e/ou anfiteatros.

Há uma clara vontade e inspiração nas formas parabólicas dos anfiteatros, esta bem perceptível no seu desenho de estudo, que aparecem também marcadas na cobertura, inclinadas e alternado de posição. “Entalados” entre as formas curvas dos anfiteatros, surgem dois lances de escada simétricos. Nestes denota-se uma certa *promenade* compreendida em movimento respondendo a leituras mutáveis do espaço, no decorrer do percurso de subir/descer essas escadas convexas, que começam largas, estreitam e finalmente abrem-se para o espaço que se segue. A iluminação destes lances de escadas, assim como do *hall* superior, é feita através de janelas a sul, proporcionando uma luz que entra no espaço «arrasando o hall superior»¹⁵⁶.

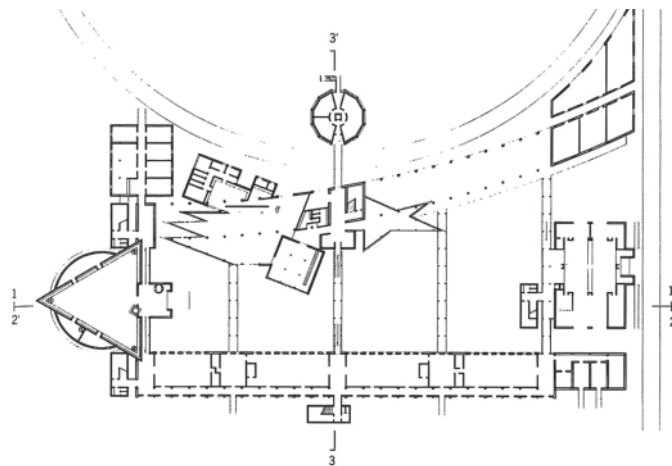
Em comentário a este espaço ambíguo, diz Manuel Vicente: «hei-de gostar, estou certo, de descer aquela escada entre paredes ligeiramente convexas.»¹⁵⁷

¹⁵⁶ DIAS, Manuel Graça; VIEIRA, Egas José. Blocos de Aulas no Instituto Superior de Agronomia, Lisboa. *In* *Architècti*, nº11/12. p.149

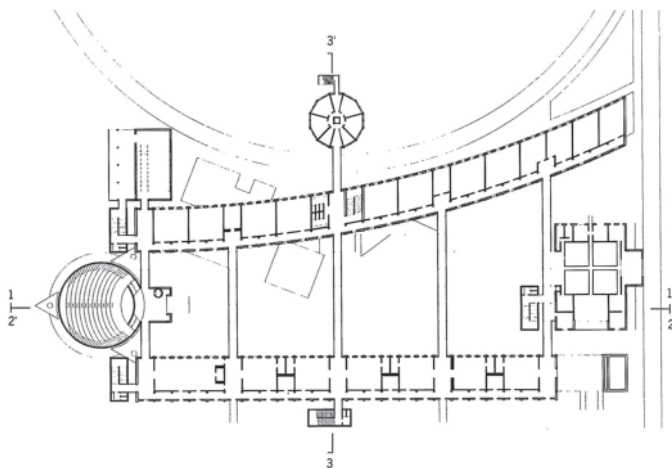
¹⁵⁷ VICENTE; Manuel. O Efémoro e o Permanente. *In* Graça Dias + Egas Vieira: projectos 1985-1995. p.10



Estudo do Edifício



Planta do Piso Térreo



Planta do Piso 1

Edifício Universitário da Escola de Tecnologia e Gestão, Portalegre (1992) - o claustro

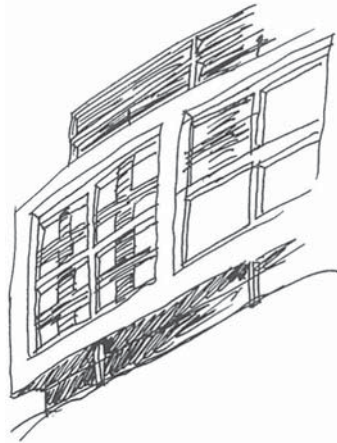
A implantação da proposta corresponde a um terreno descampado sem edificações adjacentes com proximidade de acessos automóveis. A proposta procura confrontar as ideias de *campus* universitário e claustro, criando assim um espaço contido, um pouco diferente, “deformado”, do típico claustro recto. A forma do claustro surge do desenho que procura acompanhar a configuração do terreno, por um lado abraçando o monte numa longa curva, por outro seguindo longitudinalmente a direcção da estrada. O claustro é o espaço principal do complexo, já que as outras unidades e espaços arquitectónicos gravitam em torno dele.

Pretende-se organizar o programa hierarquicamente progredindo da administração ao “saber”, respectivamente de norte para sul. Decompõe-se o programa em vários blocos funcionais para o ensino teórico e para o ensino prático-laboral. Para este último, e dadas as exigências do mesmo, opta-se por um bloco recto. O volume aparece de frente para a estrada, implantado longitudinalmente, numa «imagem longa para ser vista em velocidade»¹⁵⁸. Já nos restantes blocos, a forma é mais fluida, adaptando-se ao terreno, é “conduzida” pelos limites de um monte nas traseiras deste. Os dois blocos, respectivamente de salas de aula e de laboratórios, «convergem então para o topo sul do pátio que definem e, da sua “força vectorial”, desprende-se o volume hiperbólico da biblioteca/anfiteatro»¹⁵⁹. Uma rede de ligações transversais liga os dois blocos nos dois pisos principais (piso 0 e piso 1), sendo que uma destas ligações se estende para lá dos blocos até ao início do monte e que está ligado à grande rotunda de acesso automóvel desenhada na proposta.

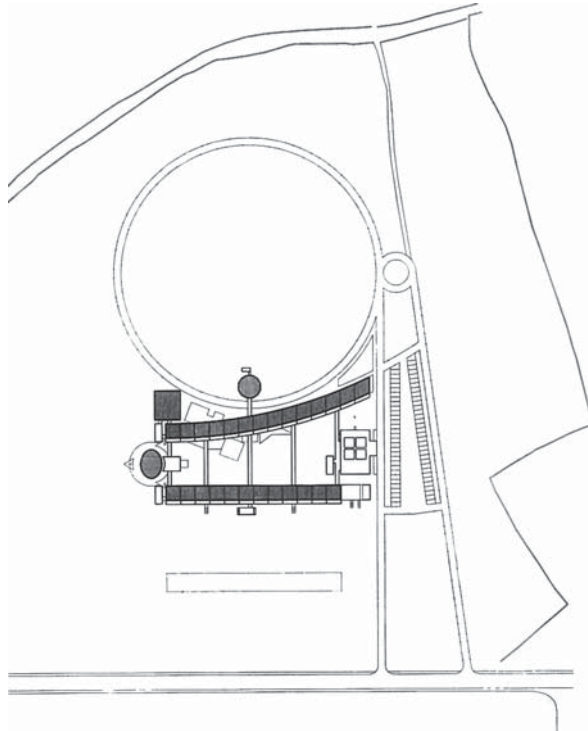
Uma rotunda contorna o monte, obtendo-se assim uma “mega rotunda” mais do que funcional, é uma rotunda de “passeio” com vista para o terreno e para o monte, e que passa junto ao bloco de aulas, afirmando mais uma vez a

¹⁵⁸ DIAS, Manuel Graça. Graça Dias + Egas Vieira: projectos 1985-1995. p.74

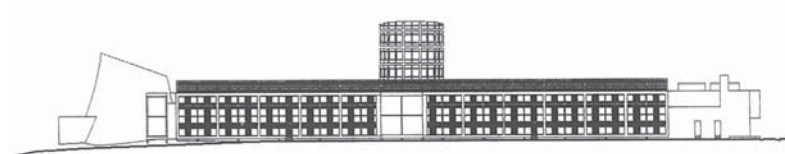
¹⁵⁹ *idem*



Estudo do Alçado



Planta de Implantação



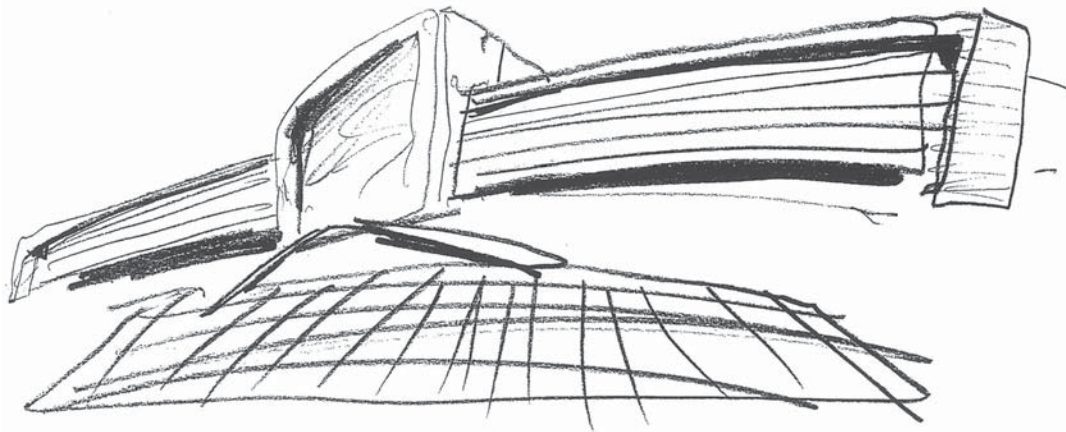
Alçado Nascente



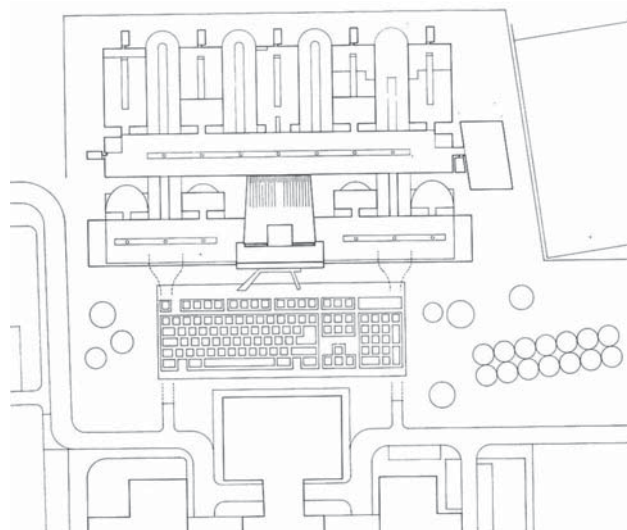
Alçado Poente

sua forma curva. Entre estes acessos transversais, desenha-se um parque de estacionamento de grande capacidade para os estudantes, professores e funcionários, alinhado pelas directrizes dos volumes das salas de aula e laboratórios.

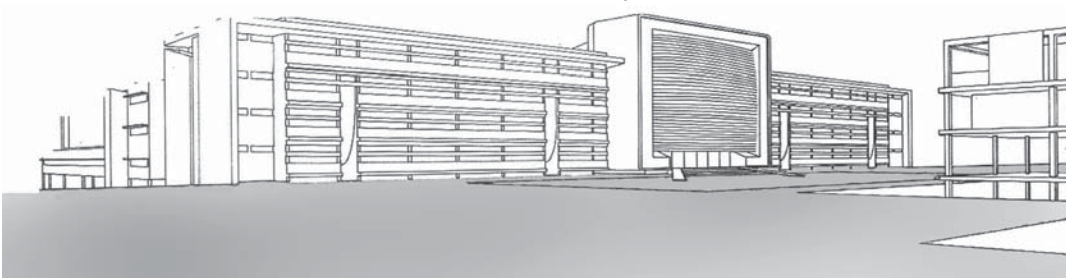
Em suma, a proposta é rematada a Norte pelos gabinetes, a Sul pela biblioteca e anfiteatros, a Este pelos laboratórios e a Oeste pelas salas de aulas. No centro encontra-se o claustro, um espaço de convívio entre os alunos, de relaxamento e “recreio”, onde também se pode tirar proveito da sua amplitude de espaço para procurar um canto de estudo. A ideia de *campus* e comunidade é assim realçada pelas formas que geram no seu meio os espaços de convívio e encontro dos vários alunos, e por sua vez encontro das várias áreas do saber leccionadas na escola.



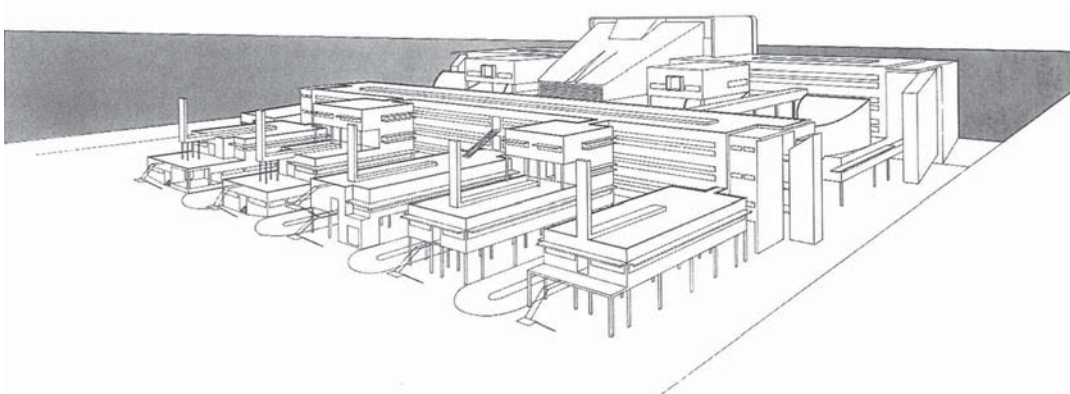
Estudo do Edifício



Planta de Implantação



Perspectiva - Vista da Frente



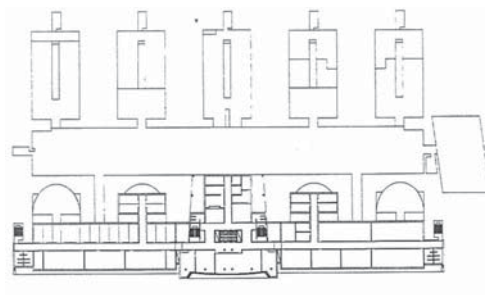
Perspectiva - Vista de Trás

C6 - Departamentos de Mineralogia, Matemática, Estatística e Informática da Faculdade de Ciências, Lisboa (1993) - o objecto simbólico

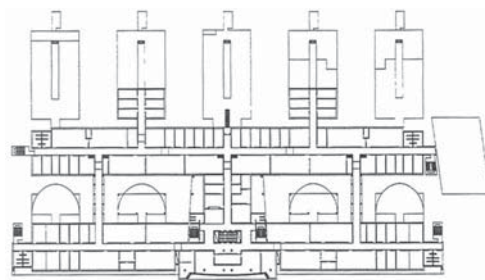
A Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa é um complexo pavilhonado, composto por vários corpos dos seus vários departamentos, designados de C1 a C8, implantados num vasto espaço da Cidade Universitária. Consiste num núcleo central de volumes articulados, rodeado de uma série de edifícios isolados.

As exigências programáticas e, principalmente, a vontade de construir um objecto simbólico são as premissas para chegar à proposta. Este simbolismo, em parte irónico, pretende ser uma espécie de arquétipo de um “monitor” que será memória futura¹⁶⁰. À primeira vista temos um monitor (de computador), ladeado por dois paralelepípedos, talvez simbolizando as colunas de som ou o processador. O edifício é voltado para uma praça, a Praça da Ciência. Aqui, ou seja, em frente ao monitor, esboça-se o traçado de um teclado no solo. A linguagem arquitectónica, de variadas maneiras, consegue transpor uma mensagem de maneira muito incisiva, neste caso, estes elementos de linguagem são bastante directos e “simples”, icónicos e “monumentais” (nomeadamente o monitor, cinquenta vezes maior que o correspondente real), estabelecendo uma evidente ligação com a tecnologia e a ciência. Esta escala “monumental” justifica-se não só pelo impacto da imagem mas também pela necessidade de albergar quatro departamentos da faculdade (sendo eles mineralogia, matemática, estatística e informática). Apesar do impacto “monumental” os arquitectos respeitam a sua envolvente construída, «a “moldura” do “ecrã” repete, a outra escala, integrada no figurativismo que pretendíamos erigir, os pórticos de entrada presentes nas vizinhas *Faculdade de Letras* e *Faculdade de Direito*, reunindo assim, com ambiguidade, mais que um significado e vontade expressiva: ser fiel a um desenho simbólico-conceptual, reproduzindo, ao mesmo tempo, uma tipologia

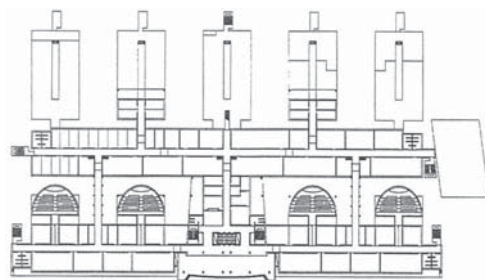
¹⁶⁰ DIAS, Manuel Graça. Graça Dias + Egas Vieira: projectos 1985-1995. p.106



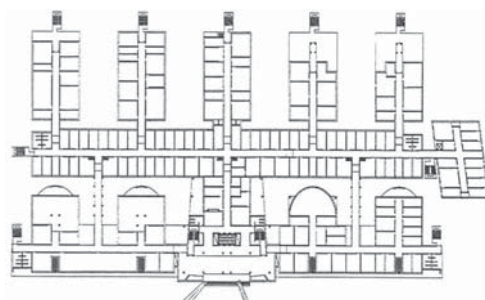
Planta do Piso 3



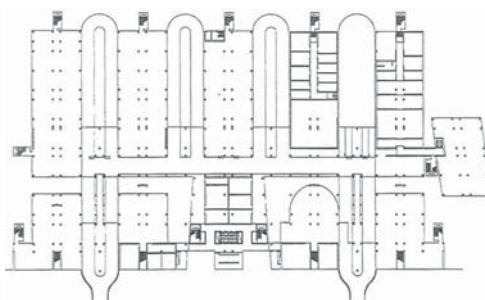
Planta do Piso 2



Planta do Piso 1



Planta do Piso Térreo



Planta do Piso -1

formal já sedimentada.»¹⁶¹ O edifício é implantado de frente para a Praça da Ciência também para estabelecer a sua principal relação com esta, sendo que os acessos principais provêm daqui. Este objecto procura «desdramatizar o lugar, de imagem excessivamente burocrática, onde viria a nascer»¹⁶² e incutir novos símbolos contemporâneos e referências na composição da sua imagem urbana.

Naturalmente que o modelo representado rapidamente seria ultrapassado, principalmente nesta “era” da evolução digital, mas o marco permaneceria como memória desta época, como um legado “abusando-se” na sua dimensão monumental, marcando fortemente a sua imagem. Na Praça da Ciência, o teclado desenhava-se em calcário e basalto, permanecendo como um “mapa aéreo”, onde facilmente se poderia localizar e identificar o *campus* à volta do objecto simbólico¹⁶³.

A entrada faz-se pelo “monitor central”, e a distribuição pelos diferentes pisos é assegurada neste ponto. Ao nível do piso térreo (correspondente ao piso 1), encontram-se salas atrás, num volume longitudinal estreito, com outros cinco volumes transversais anexados a este primeiro e separados por pátios também de salas, a circulação/acesso é feito através de corredor central. Ainda neste piso, dos lados do “monitor”, estão quatro anfiteatros (dois de cada lado), que têm acesso pelo interior do edifício e directos a partir da Praça da Ciência, com um grande *hall* de entrada. No piso 2, mantem-se a mesma tipologia e volumetria, excepto nos cinco volumes transversais que suprimem ficando somente dois pequenos blocos, e os espaços, correspondentes aos *halls* e palco dos anfiteatros, são agora fragmentados em salas.¹⁶⁴ Chegando ao último piso apenas se mantém as salas da frente do edifício e o volume dos acessos. O piso subterrâneo é dedicado ao estacionamento automóvel, existindo ainda dois volumes, transversais, de salas, provavelmente laboratórios.

¹⁶¹ DIAS, Manuel Graça; VIEIRA, Egas José. *Jornal Arquitectos*, nº 131. p.26

¹⁶² DIAS, Manuel Graça. *Graça Dias + Egas Vieira: projectos 1985-1995*. p.82

¹⁶³ «(...) a zona, dada a proximidade do aeroporto, é percorrida a baixa altura, pelos aviões que chegam e partem de Lisboa, não deixando – desenho e volume – de cumprir uma função de animação no “mapa aéreo” da cidade, com a exacta localização do “campus” à volta do objecto simbólico.» DIAS, Manuel Graça; VIEIRA, Egas José. *Jornal Arquitectos*, nº 131. p.26

¹⁶⁴ O piso 3 é idêntico ao piso 2.



Anfiteatros



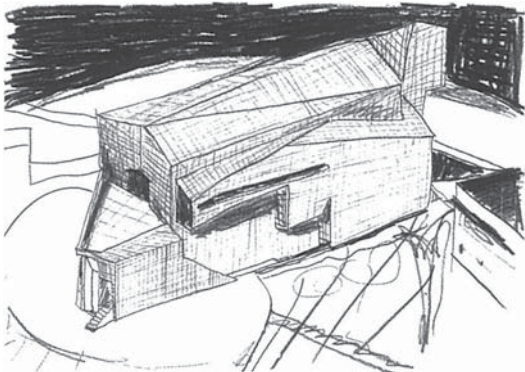
Teatro Azul (Almada)



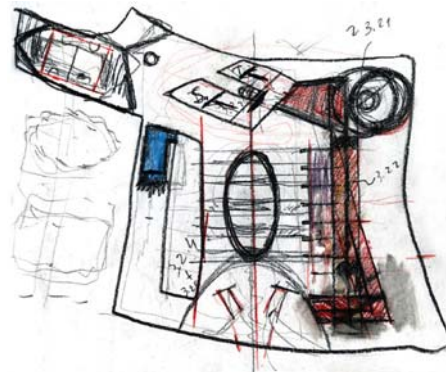
Anfiteatros



Anfiteatros - Promenor Exterior e Interiores



Estudo dos Anfiteatros



Estudo do campus

Universidade Egas Moniz, Monte da Caparica, Almada (1996) - o *campus* universitário

Podemos comparar os Anfiteatros da Universidade Egas Moniz, no Monte da Caparica, com o Teatro Azul, em Almada, tendo em conta não só a tipologia de ambos edifícios, mas também as suas semelhanças formais numa arquitectura que requer “fechamento” ao mundo exterior e talvez por isso procure outros tipos de comunicação e relação com este. As formas do Teatro Azul estão mais relacionadas com os recortes da cidade, o enquadramento no meio do quarteirão e até procurar vistas/pontos de interesse da cidade, não descorando do sentido “poético” dessas mesmas formas. Já os Anfiteatros estão mais ligados à expressão plástica do edifício, dos materiais, das sombras. «Porque é que se planta um edifício universitário no meio de um relvado e não se fragmenta um pouco (como na Universidade Egas Moniz), para criar algum espaço que o agasalhe – a ele e às pessoas que lá chegam e às pessoas que lá ficam?»¹⁶⁵

Apresenta uma solução completamente diferente do convencional, com uma imagem e linguagem também diferentes que são contextualizadas pela ambiguidade do lugar onde se insere e pela própria função. Embora seja um edifício “quebrado”, fazendo lembrar edifícios desconstrutivistas, é revestido unitariamente como se quisesse «fazer parte da (des)ordem envolvente ao invés de a extremarem espectacularmente.»¹⁶⁶.

Na proposta de Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, os vários «edifícios [dispõem-se] voltados para si mesmos, eles próprios constituindo-se como referidos a si mesmos»¹⁶⁷, em torno do espaço central, sendo eles: os auditórios, as residências de estudantes, a biblioteca e cantinas, a administração e as salas de aula. Ou seja, um tipo de organização centralizado, característico do *campus*, em que as instalações envolvem de forma concêntrica o espaço universitário.

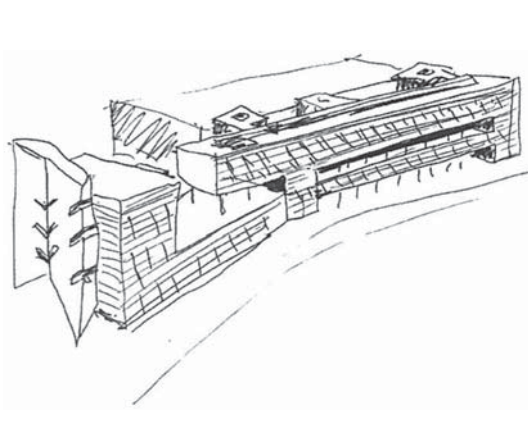
¹⁶⁵ VIVENTE, Manuel. Descobertas Parcelares. In 11 cidades: projectos 1995-2005. p.12

¹⁶⁶ FIGUEIRA, Jorge. O Mundo Português. In 11 cidades: projectos 1995-2005. p.27

¹⁶⁷ VIVENTE, Manuel. Descobertas Parcelares. In 11 cidades: projectos 1995-2005. p.9



Estudo da Biblioteca e Cantina



Estudo do Poletécnico



Biblioteca e Cantina



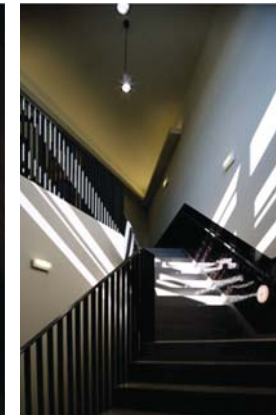
Estudo do Poletécnico



Pátio da Biblioteca e Cantina



Acessos da Biblioteca e Cantina



Acessos e Politécnico



Politécnico



Pátio do Politécnico

No edifício da biblioteca e cantinas, há um jogo de formas nas palas¹⁶⁸ e na cobertura algo estimulantes, que «parecem surgir da vontade de consciência do discurso interior/exterior: uma pala que tapa parcialmente um pátio.»¹⁶⁹. O volume de acessos verticais anexado a este é dotado de uma forma incomum e de rasgos de luz delimitados que dramatizam o espaço exterior e interior. No bloco das salas de aulas os arquitectos deixam o piso térreo livre, sobre “pilotis”, criando dois pátios que são separados pelos acessos. A zona central do *campus*, ampla e arejada, propícia aos contactos e experiencias sociais e culturais entre alunos e “mestres”.

«A resposta pretende, assim, cumprir o desígnio da arquitectura: invólucro físico que permite e potencia as diversas actividades do homem, sendo, em simultâneo, um símbolo oportuno dessas mesmas actividades.»¹⁷⁰

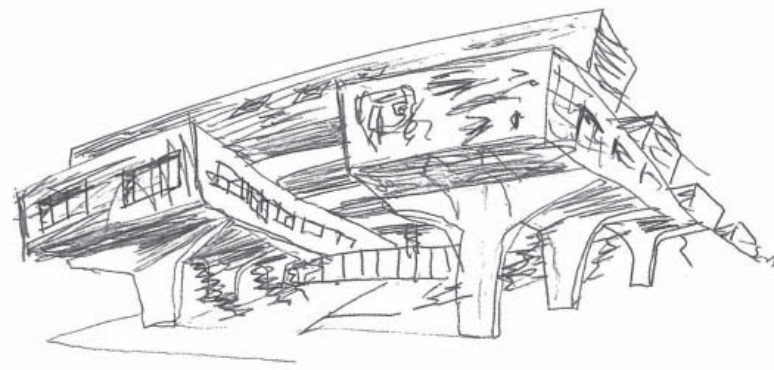
A sua forma fechada poderia dificultar a interligação com as áreas urbanas. Mas devido à sua localização numa zona descaracterizada, pode trazer traços urbanos essenciais ao crescimento da área circundante. Este é um espaço que pode criar urbanidade, tornando-se num núcleo de geratrizes para a expansão periférica à cidade e ao campus. Ao mesmo tempo, é estabelecido um símbolo espacial para a identificação da instituição universidade pela comunidade universitária, exactamente através da qualidade e da forte percepção da forma do espaço em campus e da criação de espaços especialmente dedicado às relações com e entre os universitários¹⁷¹.

¹⁶⁸ «A pala é o afecto, é a preocupação pelas pessoas, é a inserção dos desejos do arquitecto na sociabilidade da prática contemporânea.» *ibidem* p.12

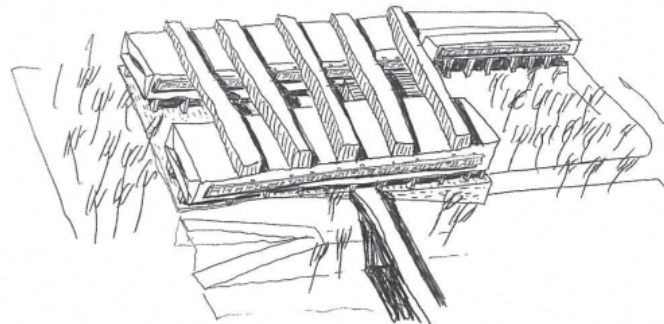
¹⁶⁹ *ibidem* p.9

¹⁷⁰ DIAS, Manuel Graça. 11 cidades: projectos 1995-2005. p.78

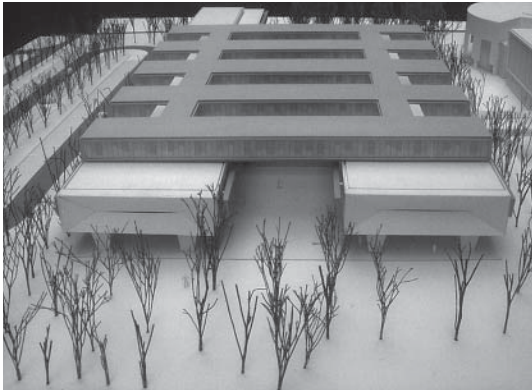
¹⁷¹ Cf. TURNER, Paul Venable. Campus: an American planning tradition.



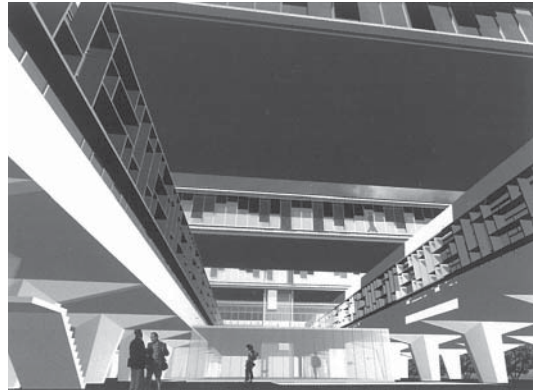
Estudo da Estrutura



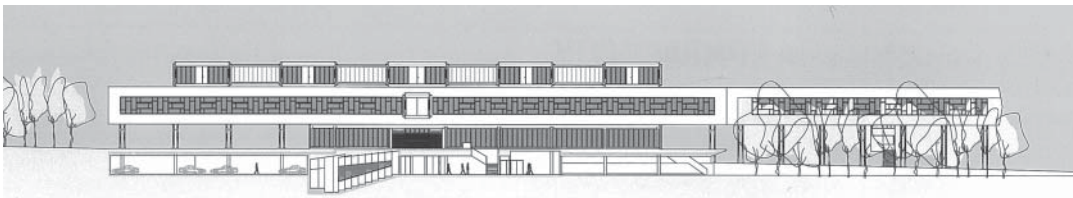
Estudo da Grelha



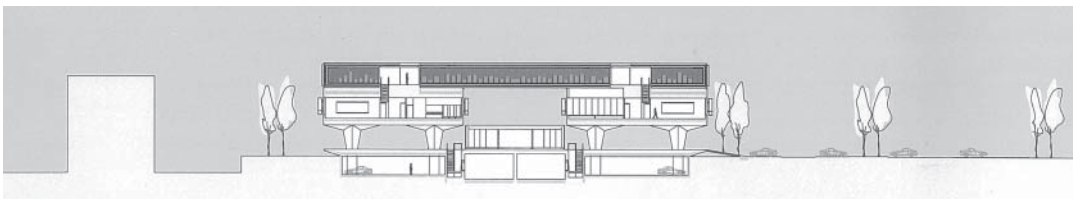
Maquete



Vista da "praça"



Alçado Nascente



Corte Transversal

Ala Poente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2003) - mega estrutura e a grelha

A Faculdade de Letras localiza-se no Campus da Cidade Universitária, inserindo-se num contexto que engloba a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e a Reitoria. O seu actual edifício, da autoria de Pardal Monteiro, é, segundo Graça Dias, de uma «certa impermeabilidade e dureza “autoritária” fechada ao exterior»¹⁷², um “fechamento” que a proposta para a Ala Poente da Universidade vai tentar contrariar. O terreno a implantar a nova ala da faculdade situa-se «a meio de um bosque»¹⁷³, a poente da faculdade de letras na universidade de Lisboa. O complexo proposto pelos arquitectos procura, assim, abertura e contacto com o exterior, ao invés de se fechar e se tornar impermeável; o edifício é atravessável a todo o comprimento criando uma espécie de “praça”.

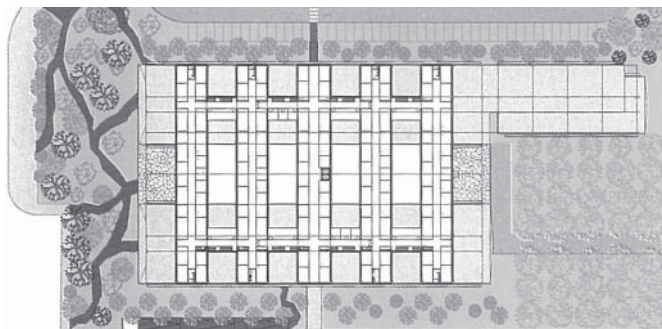
A praça é um espaço público urbano, livre de edificações, que propicia convivência e/ou recreação para os seus usuários, um espaço de prioridade pedestre, de aproximação (entre pessoas) e afastamento (entre massa construída), espaço que remata ruas, cruzamentos, convergências, a cidade precisa destes espaços tanto como dos edifícios, das ruas, dos becos, etc.¹⁷⁴. A vontade de inserir a praça nesta proposta tem como objectivo não só uma interacção com o utente e com o visitante, mas também uma relação de permeabilidade com o terreno, e assim com a envolvente natural, o “bosque”.

O edifício é composto por 3 pisos superiores e um subterrâneo, sendo que o programa principal se concentra nos dois últimos superiores. O piso térreo é praticamente todo amplo, com excepção do núcleo central, correspondente ao bloco do *hall* de entrada e acessos, mas que surge num volume de pequenas dimensões, quase insignificante, comparativamente à força do edifício no seu

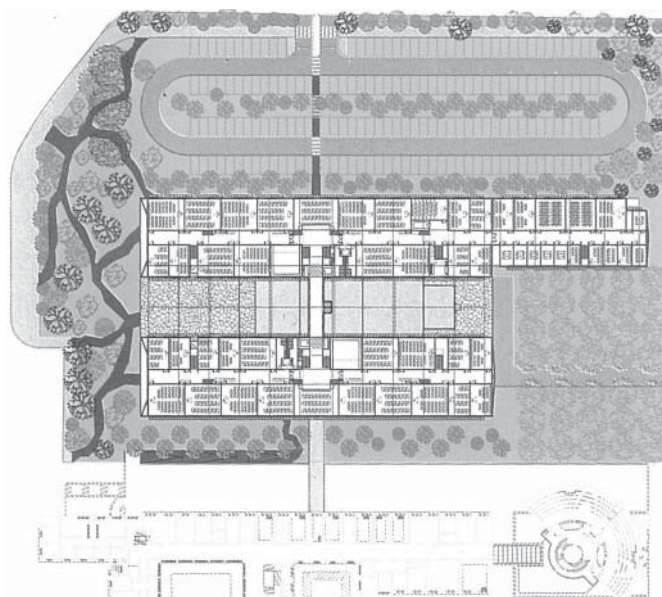
¹⁷² DIAS, Manuel Graça. 11 cidades: projectos 1995-2005. p.209

¹⁷³ *idem*

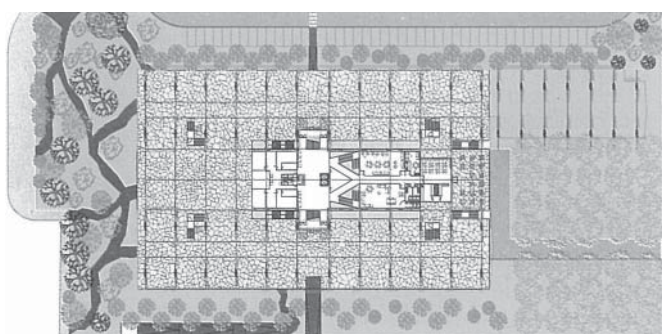
¹⁷⁴ Precisa de «espaços que se abrem dando ar à densidade que nos facilita a vida na cidade, que torna especial a deriva, o deambular, o conhecer (...)». *ibidem* p.199



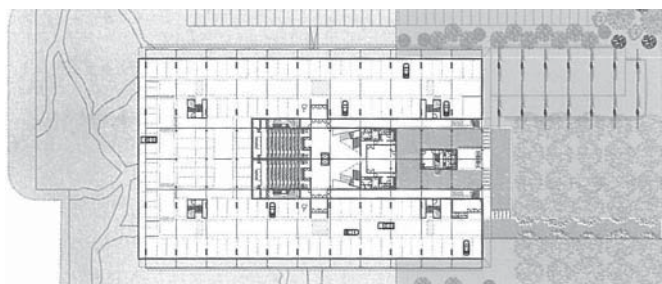
Planta do Piso 2



Planta do Piso 1



Planta do Piso 0



Planta do Piso 1

conjunto. Os dois volumes largos das salas de aula, proeminentes, dispostos longitudinalmente aos limites do terreno no sentido sul/norte e correspondentes ao piso 1, “pairam” sobre o terreno, suspensos em «enormes pilares, espaçados de oito metros, como peças de viaduto»¹⁷⁵. No último piso, cinco barras paralelas entre si, transversais aos dois blocos das salas de aulas, e alinhadas com os limites do terreno, corporizam os gabinetes dos professores, formando uma grelha. Estes são «mais estreitos e delicados (oito metros de largura), pousados transversalmente sobre os primeiros»¹⁷⁶. São ligados por pequenos corpos, alinhados com os blocos de aulas, estes pontos de ligação correspondem, por sua vez, aos acessos verticais do edifício. Esta treliça de volumes proporciona pontos de vista magníficos e variados.

Vários caminhos pedonais do “bosque” vêm convergir à grande praça que aqui se forma, sombreada por esta expressivíssima pérgula alta. Este jogo de sombras está bastante patente no jogo das fachadas. Uma estrutura de formas geométricas forra as fachadas dos pisos de salas de aula, enquanto um jogo de sombras, que faz lembrar as barras dum equalizador de som¹⁷⁷, se desenha nas fachadas do piso dos gabinetes. No piso térreo dá-se primazia ao pano de vidro para reforçar a noção de praça, engendrando uma transparência que ajuda a anular a sua volumetria e ao mesmo tempo a criar ligações visuais entre os utentes.

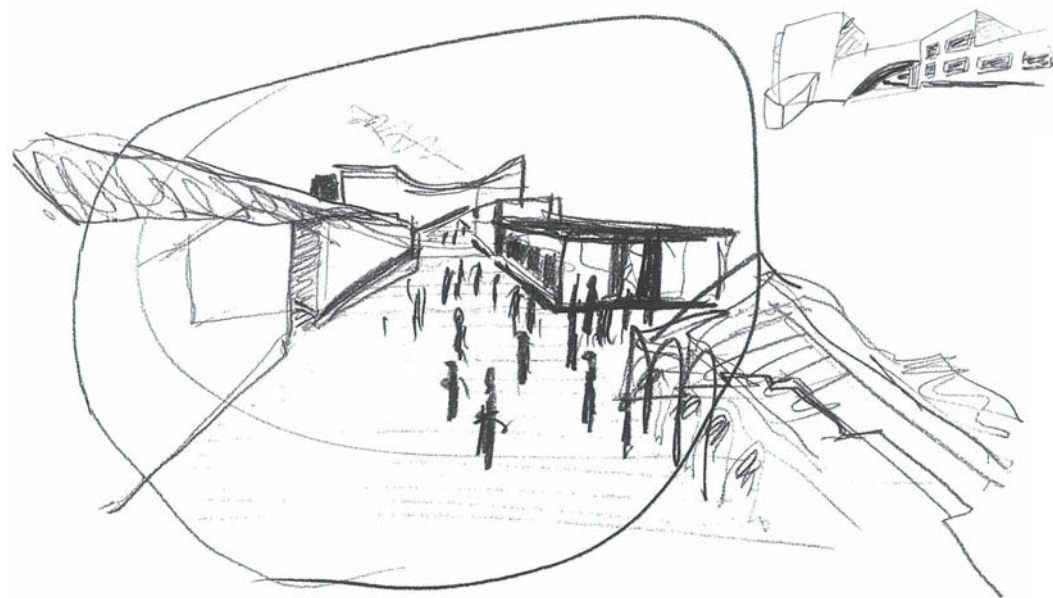
«No plano urbano, assiste-se a uma reiterada utilização de “grelhas” e princípios modulares que significam uma lógica de pertença e continuidade (...) enquanto anteriormente se tenderia para o objecto singular, e para o “conforto” formal. Sem perder “torrencialidade” e o talento gráfico que a caracteriza, esta arquitectura aproxima-se agora mais de pressupostos “ordenadores” para isso se socorrendo de “tipos” tradicionais (como as praças) e “linguagens” modernistas (como os pilotis) que de alguma forma evocam uma urbanidade algures perdida no tempo.»¹⁷⁸

¹⁷⁵ *ibidem* p.209

¹⁷⁶ *idem*

¹⁷⁷ «E a arquitectura é uma arte tão concreta como a música, tão abstracta como a poesia, tão espiritual como a dança e tão física como a pintura.» Cf. GRAÇA, João Carrilho da. *Architécti*, nº6. p.33

¹⁷⁸ FIGUEIRA, Jorge. *O Mundo Português. In 11 cidades: projectos 1995-2005*. p.27



Estudo do Corredor e do Arco



Audatório



Entrada Principal



Rua



Rua - Tanque de Água



Rua



Acessos

Escola de Música, Artes e Ofícios, Museu Ferroviário e Restaurante, Chaves (2004) - dignificação da pré-existência

O terreno de implantação, nas antigas instalações da Estação do Comboio de Chaves, apresenta, segundo Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, «um ar docemente surreal, (...) sobretudo quando batido pelo sol que marca tão exactamente os arcos da Estação em longas sombras sobre o pavimento»¹⁷⁹. Fazendo proveito das características longitudinais do terreno e adaptando a ideia dos arcos às circunstâncias do programa, o volume surge “como uma longa tira” na continuação da volumetria do edifício da antiga estação, inflectindo-a ligeiramente, a meio, onde se encontra o auditório que vem marcar o exterior¹⁸⁰, no seguimento da sua forma interior, com um meio arco «permitindo a requerida continuidade visual e física sob a progressão volumétrica do Edifício»¹⁸¹. Este arco dramatiza o espaço e a linearidade da “rua”. A configuração alongada é ainda reforçada pelo espelho de água que acompanha o edifício e pelos muros, pintados de vermelho, escuro que reforçam essa ideia. Este projecto é marcado «pelo sentido morfológico e simbólico da envolvente, por mais exuberante que venha a ser a máscara que se entrepõe entre obra e espaço exterior e que muitas vezes, no passado, ocultou deliberadamente a natureza real do construído.»¹⁸²

A meio do arco, faz-se a entrada principal para a salas de música, neste ponto encontra-se o átrio de distribuição. Directamente deste ponto acede-se à secretaria e gestão (com bar) a norte, à central telefónica e segurança a sul.

¹⁷⁹ DIAS, Manuel Graça. Vieira, Egas José. Memória Descritiva do Projecto Escola de Música, Artes e Ofícios. Lisboa, Dezembro 2004.

¹⁸⁰ «uma das poderosas ortodoxias do século XX consiste na necessidade de continuidade entre eles [interior e exterior]: o interior deve expressar-se no exterior.» VENTURI, Robert. Complexidade e Contradição em Arquitectura. p.89

¹⁸¹ DIAS, Manuel Graça. Vieira, Egas José. Memória Descritiva do Projecto Escola de Música, Artes e Ofícios. Lisboa, Dezembro 2004.

¹⁸² COSTA, Alexandre Alves. O Heroísmo da Vida Moderna. *In* 11 cidades: projectos 1995-2005. p.17



Núcleo de ateliers



Entrada / Acessos



Auditório



Edifício a Nascente



Janelas de "luz riscada"



Corredor a Nascente



Corredor a Nascente

Seguindo o corredor que acompanha todo o alçado nascente, encontra-se um jogo de frestas estreitas e variáveis que demarcam a entrada de luz, num jogo de “código de barras”, iluminando os corredores de “luz riscada”¹⁸³. Este corredor dá acesso a três salas de actividades polivalentes, que são dotadas de acesso independente. Por cima desta ala, em comunicação directa com o átrio e com os acessos verticais está a Mediateca.

Para o lado oposto, a norte, encontra-se o núcleo de *ateliers*, a rematar este lado encontra-se a sala de Artes Cénicas e respectivos apoios. Por cima deste volume, e com comunicação directa para o átrio e os acessos verticais, estão as zonas dos docentes, salas de professores, gabinetes, salas de reuniões, e salas destinadas à direcção, coordenação e administração.

Conclui-se que a proposta, pela sua implantação, pelas suas formas que seguem a configuração das antigas instalações da Estação do Comboio e que dramatizam o espaço e a linearidade, dignifica a pré-existência.

¹⁸³ Cf. DIAS, Manuel Graça. 11 cidades: projectos 1995-2005. p.105

· Ironia, Crítica, Provocação: a escrita

Manuel Graça Dias está ligado à escrita sobre arquitectura desde o início da sua carreira. Enquanto estagia no *atelier* de Manuel Vicente, em Macau, começa a ensaiar pequenas escritas, trabalhando nas Memórias Descritivas, tratava das ilustrações, das fotomontagens, procura passar para o papel as explicações sobre os projectos de Manuel Vicente: «A compreensão “literária” das razões da invenção e das opções arquitectónicas e urbanas dos sucessivos projectos do *atelier*, a partir de aí, foram o modo através do qual me aproximei da compreensão da arquitectura, foram o modo, quiçá heterodoxo, de como me tornei arquitecto.»¹⁸⁴

Numa primeira fase, a crítica da arquitectura de Manuel Graça Dias é mais agitadora.¹⁸⁵ Estreia-se em *Macau Glória, a glória do vulgar*, publicado em 1991. Trata-se de um «levantamento livre realizado em 1978 por Manuel Vicente, Manuel Graça Dias e Helena Rezende. (...) é um testamento desse tempo mais *libertário*, reflectindo centralmente a sensibilidade de Manuel Vicente: mostrar “com afecto uma cidade”, num “documento eminentemente visual, na *libertinagem* em que se constitui.”¹⁸⁶ É uma espécie de *Learning from Las Vegas* transposto para Macau, com um sabor português, ainda menos sistemático, mais livre e poético.»¹⁸⁷ Este formato é familiar a Graça Dias, pois propõe algo semelhante na sua dissertação de final de curso, *Arq. POP, há?: Uma colecção gráfica da “cidade”, com textos a acompanhar e a suportar as imagens*. Os textos de Graça Dias para *Macau Glória* são, nesta fase inicial, uma compreensão “visual” do mundo, uma linguagem que se aproxima da “crónica”. Este trabalho que surge, substancialmente, dum montagem de impressões visuais, esboça assim um

¹⁸⁴ DIAS, Manuel Graça. Graça Dias: a propósito de uns desenhos coloridos. [em linha]

¹⁸⁵ Cf. MILHEIRO, Ana Vaz. Manuel Graça Dias e a Escrita da Arquitectura. in 11 cidades: projectos 1995-2005. p.37

¹⁸⁶ Helena Rezende, Manuel Graça Dias, Manuel Vicente, “Objectivos”, Macau Glória – A Glória do Vulgar. Macau: Edição patrocinada pelo Instituto Cultural de Macau, 1991, p.11

¹⁸⁷ FIGUEIRA, Jorge. A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80. p.243

passo inicial no sentido da “comunicação”, elegendo a eficácia da imagem. À semelhança de *Learning from Las Vegas*, é um método de análise sobre a cidade que se fará pela saturação e não pela decomposição.¹⁸⁸

Na revista *ArquitECTURA*, inicia-se a crítica ao Moderno, de um modo “reviscionista”¹⁸⁹, esta revista terá sido «um campo criativo para novos autores» em que Graça Dias também participa, a partir de 1978.

Mais tarde, participa na *ArquitECTURA Portuguesa*. Aqui o espírito já seria mais na procura e divulgação de uma arquitetura pós-modernista. Com “A solidão do «Moderno»”, publicação de sua autoria, começa a explorar caminhos diferentes do moderno, demonstrando uma “simpatia” por algo mais que a tradição moderna. Esta atitude apura-se no final dos anos 80, já a colaborar n’*O Independente* (1988-89).¹⁹⁰ «Manuel Graça Dias cria um pós-modernismo português escrevendo nas costas dos “arquitECTOS reaccionários” n’*O Independente*.»¹⁹¹

Escreve também para o *Jornal de Letras Artes e Ideias*, ainda no mesmo registo da “crónica” fortemente alegórica. Estes textos, d’*O Independente* e do *Jornal de Letras Artes e Ideias*, são reunidos na publicação de *Vida Moderna*, livro lançado em 1992. Não era uma escrita “académica”, era uma espécie de ensaio crítico com um intuito mais poético que deixa clara a vontade de existir uma condição pós-moderna portuguesa, indo contra os moralismos modernos. Os textos são equilibrados pelos vários desenhos e ilustrações, que fazem mais que acompanhar o texto, permitem uma leitura paralela. Em tom irónico, num tom optimista que celebra mais do que reprime (mostrando no fim o seu “amor” pelo país), sugere a “casa do emigrante” como arquitetura portuguesa, e refere-se ao

¹⁸⁸ Cf. MILHEIRO, Ana Vaz. Manuel Graça Dias e a Escrita da ArquitECTURA. in 11 cidades: projectos 1995-2005. p.32

¹⁸⁹ «principalmente quando Nuno Portas imprime à publicação um carácter “reviscionista”» *ibidem* p.31

¹⁹⁰ Cf. *idem*

¹⁹¹ FIGUEIRA, Jorge. A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitetura portuguesa, anos 60-anos 80. p.12

moderno heróico como um (mau) hábito: «é o livro chave da construção de uma crítica “pós-moderna” nacional.»¹⁹²

A contribuição de MGD para a divulgação da arquitetura não se cinge aos meios mais comumente usados, jornais revistas e livros. Entre 1995-1999 participa em várias séries de programas de divulgação de arquitetura da TSF, destacando-se “Ao Volante pela Cidade” (1997), cuja versão escrita das primeiras dez entrevistas é editada em 1999, num tom de “conversas de café”, intimista, apropriado à forma crónica radiofónica¹⁹³: «O programa era gravado dentro de um automóvel. Ia buscar o meu convidado [os convidados eram sempre arquitectos], atrás estava um técnico da TSF, instalavam-se os microfones, regulava-se o som e nós íamos conversando livremente. Pedia-lhe uma indicação para que sítio da cidade pretendia ir e tentava puxar-lhe pela língua. (...) a ideia era os arquitectos darem uma maneira de olhar a cidade e de ver, eventualmente diferente da maior parte das pessoas e através dessa maneira de ver e de falar, levar as pessoas a compreender outra riqueza que o ambiente urbano tem no sentido de cortar aquele tipo de discurso que isto é um horror, devíamos viver todos no campo, rodeados de árvores à volta.»¹⁹⁴

Em 2001 publica *O Homem que Gostava de Cidades*¹⁹⁵, também constituído por textos lidos na TSF (1995-97), é uma nova edição de crónicas, que marca a produção deste período, e que, segundo Ana Vaz Milheiro, sinaliza uma segunda etapa, “romântica”, da produção crítica de MGD. Em tom autobiográfico, num discurso mais intimista (próprio dos textos dos programas da

¹⁹² Cf. MILHEIRO, Ana Vaz. Manuel Graça Dias e a Escrita da Arquitectura. in 11 cidades: projectos 1995-2005. p.33

¹⁹³ Cf. *ibidem* p.35

¹⁹⁴ DIAS, Manuel Graça – Manuel Graça Dias: o homem que gosta de cidades. [em linha]

¹⁹⁵ A expressão que dá título ao livro e que tem vindo a acompanhar a personalidade de Graça Dias, surge no programa da TSF: «No segundo ou terceiro ano, o primeiro texto que escrevi tinha lá pelo meio uma história do género “o homem gostava de cidades”. Vinha a propósito da maneira como construí aquele texto e depois achei que aquela frase tinha cabimento e passei a usar essa expressão em todos os outros. No fundo, era uma maneira de construir o texto na terceira pessoa e ter sempre o motivo que criasse uma certa habituação no ouvido, mas senti-me bem e confortável a fazer aquilo. E quando reuni alguns desses textos o nome surgiu natural: “o homem que gostava de cidades”. (...) Gostava e continuo a gostar.» DIAS, Manuel Graça – Manuel Graça Dias: o homem que gosta de cidades. [em linha]

TSF), o autor «exibe uma personagem assertiva, fala de si, das suas memórias e da sua história»¹⁹⁶. Ensina a ver a cidade e o país, alertando para os problemas da contemporaneidade, com um discurso irónico mas mais “poético” e sério. Esta crítica vem a ser confirmada em *Passado Lisboa Presente – Presente Lisboa Futuro*, publicado nesse mesmo ano. Este apresenta um discurso de tom satírico e irónico, e usa a imagem para comunicar como forma de intervenção activa.¹⁹⁷

Ainda neste ano, MGD inicia a colaboração com o semanário *Expresso* numa crítica de estrutura tradicional, em que os seus textos deixam de ser sobre personagens anónimas, impessoais, e passa ocupar o seu comentário com uma obra detalhada e inserida no seu contexto histórico, assim como o autor. Segundo Ana Vaz Milheiro, este regresso à imprensa generalista, dever-se-á ao facto de nos anos 90 haver uma “celebração” da arquitetura Portuguesa que se reflecte na multiplicação de projectos e obras e, por sua vez, na forma que toma a escrita de MGD. Nesta altura já MGD se tornara director do *JA – Jornal Arquitectos* (entre 2000-2004), no qual contribuiu com vários textos e editais, contribuindo especialmente para uma revista de arquitetura, na sua formatação, organização e desenho.¹⁹⁸ Já em 1986 tinha escrito “Por uma vanguarda popular”¹⁹⁹ para o *Jornal Arquitectos*, onde expressa uma vontade de superação do moderno “tecnocrático” e a complexidade da equação pós-moderna.²⁰⁰

Em 2005 publica *30 Exemplos: Arquitectura Portuguesa no Virar do Século XX*, que corresponde já a uma terceira fase da escrita de Graça Dias, agora muito mais factual. Factual na medida em que há um esforço para tornar a escrita mais descritiva, menos metafórica, mais séria, menos irónica, mais objectiva e fundamentada; uma linguagem mais “madura” aprimorando a exposição crítica.

A partir deste momento, recentra-se na “cidade”, a sua grande paixão, retomando os temas ligados a esta: «a circulação automóvel, o edifício em altura,

¹⁹⁶ MILHEIRO, Ana Vaz. Manuel Graça Dias e a Escrita da Arquitectura. in 11 cidades: projectos 1995-2005. p.35

¹⁹⁷ Cf. *idem*

¹⁹⁸ Cf. *ibidem* p.37

¹⁹⁹ DIAS, Manuel Graça. Por uma vanguarda popular. In *Jornal Arquitectos*, nº51-52, p.22

²⁰⁰ Cf. FIGUEIRA, Jorge. O Mundo Português. In 11 cidades: projectos 1995-2005. p.26

a vivência tradicional da rua...» Também em *Manual das cidades*, publicado em 2006, e *Arte, Arquitectura e Cidade*, publicado em 2011, o tema da “cidade” é o foco central. Já na sua Dissertação de Doutoramento *Depois da cidade viária*, apresentada em 2008 à FAUP, o tema é centrado na cidade, nos transportes e no planeamento do território.

CONCLUSÃO

Concluimos que o ensino da arquitectura é, no período em questão, instável, sobrecarregado e desadequado. Procurava formar um “arquitecto investigador”, com isso havia uma certa sobrecarga disciplinar, nomeadamente de cadeiras das áreas das ciências sociais e exactas, para além de que estas não tinham uma interligação adequada com as disciplinas essenciais do curso e que desconsideravam o lado artístico do curso. Questiona-se o ensino moderno implementado pela reforma de 57 que chega sete anos depois de ser proposto e que vem desactualizado pois no panorama do debate arquitectónico os ditames modernos são questionados, provocando debates e contestações sobre a formação do arquitecto e a sua função na sociedade. A Reforma de 57, acaba por não ser bem aceite nem os alunos nem a nova geração de professores, provocando divergências entre “duas gerações” de professores, estes e os mestres residentes.

Manuel Graça Dias entra na ESBAL em 1970, neste período de instabilidade da escola em que se verifica, paralelamente uma crise instaurada na universidade. Apesar se terem sido tomadas algumas medidas que tentaram reformular os cursos de arquitectura, o regime ditatorial não permitiu que essas medidas fossem sucedidas. O país encontra-se socialmente instável e a instabilidade reflecte-se também no ensino. As manifestações dentro e fora da escola culminam com a Revolução de Abril de 74, e o curso de arquitectura é encerrado nesse ano. Os alunos são “abandonado” à sorte, até que a escola volte a abrir no novo ambiente democrático, o que acontece em 1976. Neste ambiente, que se reflecte no ensino, surgiu a possibilidade de um encontro entre a escola e a nova cultura emergente. Manuel Vicente abriu novos horizontes a Manuel Graça Dias quando, através das suas aulas, levou a cultura pós-moderna para a ESBAL. Os ideais do pós-modernismo, em que o técnico e o simbólico se encontram num misto de arte e ciência, reconciliaram Manuel Graça Dias com o curso e com a Arquitectura.

De facto, pudemos constatar com a realização da presente dissertação que a influência do professor na escola será, de todas elas, a mais

importante. Apesar da situação de instabilidade da escola enquanto Manuel Graça Dias a frequenta, a reflexão sobre a sua obra confirma que as influências que assimilou do seu tempo de estudante terão sido de professores, mais do que o ensino que se queria protagonizado na escola. Tendo em conta que cada ano é constituído por um corpo de docentes variados e que, normalmente, muda de ano para ano, o estudante de arquitectura tem várias hipóteses de se identificar melhor com um deles. O que aconteceu com MGD, no primeiro e último ano do curso, com professores que não estavam presos ao comodismo e burocracia da escola, e que foram introduzindo algum dinamismo nas suas aulas: Lagoa Henriques através do seu total despreconceito de desenho, em que tudo é desenhável, “mandado” os alunos desenhar para a rua, introduzindo a novidade do Diário Gráfico; e Manuel Vicente, com as suas aulas faladas e histórias contadas com os alunos à volta da mesa, introduziu o pós-modernismo e a cultura americana na ESBAL.

Desde que se formou que contribui para a crítica e divulgação da Arquitectura Portuguesa, tendo publicado em várias revistas e jornais, produzindo vários livros, e participando também em programas radiofónicos e televisivos de divulgação de arquitectura. A sua crítica terá evoluído em três fases, começando num registo agitador, depois mais romântico e finalmente mais factual. Este início agitador pode ter ocorrido pela abertura excepcional que a recém democracia proporcionava, pelo enorme fascínio que Graça Dias tem pela arquitectura e pela vida, um legado introduzido por Manuel Vicente. Da mesma maneira que o “boom” da democracia atenuou, Manuel Graça Dias atenua a sua agitação, focando-se agora na sua paixão pela profissão. A maturação da profissão, da crítica e do próprio pós-modernismo revela-se numa escrita mais factual. Em todas elas a reflexão é sobre uma condição pós-moderna.

Ao nível da obra arquitectónica MGD começa cedo e em força, sendo que esta é vasta em quantidade e tipos de projecto: entre recuperações, arquitectura de interiores, programas privados e públicos de vários tipos. Destas obras, fizemos um estudo sobre as de cariz escolar, das quais concluímos que há um experimentalismo constante (experimenta o claustro, o pátio, a mega estrutura, a transparência, os *pilotis*, o desconstrutivismo), que ligamos a derrapagem construtiva; uma arquitectura saturada e inclusiva (influências moçambicanas,

macaenses, americanas, brasileiras) que ligamos a surto eclético; e um acompanhamento constante do projecto pelo desenho (as formas ambíguas, as formas dinâmicas, o surrealismo e o expressionismo, relação interior/exterior) que ligamos a epidemia da forma.

Em reflexão final podemos concluir que o ambiente de crítica à reforma na ESBAL poderá ter fomentado o espírito crítico de Manuel Graça Dias. A sua paixão pelo desenho é revigorada pelas aulas de Lagoa Henriques. As experiências extra curriculares deram-lhe uma abertura para o mundo das artes, teatro, cinema, música, pintura e desenho que, à excepção da última, não estiveram patentes no seu curso, e que reforçam o pluralismo da sua arquitectura. O pensamento pós-modernista chega-lhe através de Manuel Vicente que o vem reconciliar com a arquitectura, através dele conhece uma série de arquitectos ligados este pensamento. O seu eclectismo deriva de todas estas experiências e ainda das influências moçambicanas, da sua infância; pelas experiências americanas, através de Manuel Vicente e pelas experiências macaense, através do seu estágio com Manuel Vicente. Nos seus projectos também se denotam influências da arquitectura brasileira, de características mais plásticas que permitem dramatizar os espaços. O seu experimentalismo constante, que em certa medida confere singularidade aos projectos de Manuel Graça Dias, poderá ser também um reflexo do seu tempo de escola, visto que «a formação arquitectónica, escolar, de MGD foi maioritariamente autodidacta, anárquica e eclética»²⁰¹.

«Escrevendo regularmente na imprensa e tendo também actividade intensa como arquitecto, Graça Dias estabelece uma relação vital entre a teoria e a prática que lhe vai permitindo configurar um pós-modernismo com raízes na cultura portuguesa».²⁰²

²⁰¹ VICENTE, Manuel. O Efémero e o Permanente. *In* Graça Dias + Egas Vieira: projectos 1985-1995. p.8

²⁰² FIGUEIRA, Jorge. A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80. p.275

BIBLIOGRAFIA

BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried. *Arquitectura do século XX: Portugal*. Munique: Prestel, 1997. 352 p. ISBN 3791319108

DIAS, Manuel Graça. *11 cidades: projectos 1995-2005*. 1ª ed. Porto: Civilização, 2006. 255 p. ISBN 972262430X

DIAS, Manuel Graça. *30 Exemplos: Arquitectura Portuguesa no virar do século XX*. Relógio D'Água Editores, Novembro de 2004. 255 p. ISBN 9727088163

DIAS, Manuel Graça. *Formas arquitectónicas populares e urbanas (vernáculos?) em Portugal (Sem se saber bem porquê e 49 legendas)*. Portugal: Percursos de Interculturalidade, Volume I - Raízes e Estruturas. 1ª ed. Lisboa. Dezembro, 2008. ISBN 9789898000583

FERNANDES, José Manuel. *Projectos do século 21: reflexos da arquitectura portuguesa na década actual*. Artitextos. Lisboa, 2009. ISBN 9789729346125

FIGUEIRA, Jorge. *Agora que está tudo a mudar: arquitectura em Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, D.L. 2005. 111 p. ISBN 972880170X

FIGUEIRA, Jorge. *O Arquitecto Azul*. 1.ª ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, Dezembro 2010. 132 p. ISBN 9789892600673

FIGUEIRA, Jorge. *Reescrever o pós-moderno: sete entrevistas*. 1ª ed. Porto : Dafne Editora, 2011. 180 p. ISBN 9789898217172

HALL, Edward Twitchell. *A dimensão oculta*. Lisboa: Relógio d'Água, D.L. 1986. 230 p. ISBN-972-708-123-1

JENCKS, Charles. *The language of post-modern architecture*. London: Academy Editions, 1977. 104 p. ISBN 856703257

MILHEIRO, Ana Vaz; FIGUEIRA, Jorge; CARVALHO, Ricardo. *Arquitectos portugueses contemporâneos: obras comentadas e itinerários para a sua visita*. Lisboa: Público, 2004. 222 p. ISBN 9728179863

KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. São Paulo: Nobel: EDUSP, cop. 1990. 253 p. ISBN 8521305257

LYOTARD, Jean-François. A Condição Pós-Moderna. 2ª ed. Lisboa: Gradiva, 1989. 135 p. ISBN 9726620163

MONTANER, Josep Maria. As formas do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2002. 263 p. ISBN 8425218977

MONTANER, Josep Maria. Depois do movimento moderno: arquitectura da segunda metade do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2001. 271 p. ISBN 8425218284

NEVES, José Manuel das – Escola de Música, Artes e Ofícios. Anuário Arquitectura XI: Urbanismo e infra-estruturas_cultura_lazer_serviços_habitação. Lisboa: Estar Editora, 2008. 272 p. ISBN: 9789898129635

NEVES, José Manuel das - Graça Dias + Egas Vieira: projectos 1985-1995. Lisboa: Estar, D.L. 1997. 117 p. ISBN 9728095236

SILVA, Raquel Henriques da ... [et al.] – Anos 70: Atravessar Fronteiras. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. 203 p. ISBN 9789726352068

TOSTÕES, Ana. Arquitectura Portuguesa Contemporânea. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios, 2008. 257 p. ISBN 9789728968113

TURNER, Paul Venable. Campus: an American planning tradition. The Architectural History Foundation/MIT Press series, 1987. 337 p. ISBN 0262700328

VENTURI, Robert. Complexidade e Contradição em Arquitectura. São Paulo: Martins Fontes, cop. 1995. 219 p. ISBN 8533603754

VENTURI, Robert. Learning From Las Vegas. Rev. ed. Cambridge (Mass.): The MIT Press, 1977. 192 p. ISBN 026272006X

Doutoramentos e Mestrados

ALEGRE, Alexandra. *ArquitECTURA Escolar. O edifício Liceu em Portugal (1882-1978)*. Dissertação para obtenção do Grau de Doutor em ArquitECTURA apresentada ao Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Julho de 2009.

FIGUEIRA, Jorge. *A Periferia Perfeita: pós-modernidade na arquitetura portuguesa, anos 60-anos 80*. Tese de doutoramento em ArquitECTURA apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Março de 2009.

LOPES, João Gonçalo Almeida. *Discursos de Cidade: Lisboa Anos 80*. Dissertação do Mestrado Integrado em ArquitECTURA apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Dezembro 2010.

MONIZ, Gonçalo Canto. *O Ensino Moderno da ArquitECTURA: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Dissertação de Doutoramento em ArquitECTURA apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Julho 2011.

OLIVEIRA, Sofia Isabel dos Santos. *Escolas-Tipo: O processo de produção escolar de 1958 a 1968*. Dissertação de Mestrado Integrado em ArquitECTURA apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Julho de 2010.

PAIS, Teresa Maria da Silva Antunes. *O desenho na formação do arquitecto: Análise do processo de ensino nas Faculdades de ArquitECTURA de Lisboa e do Porto*. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Práticas e Teorias do Desenho. Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, 2007. [em linha] [consultado em 16 de Maio de 2013] Disponível em [www.<URL http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7310>](http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7310)

SILVA, Leonor Cabral Matos. *Cultura arquitectónica em Lisboa: um olhar a partir da ESCAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*. Vol. 1. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em ArquitECTURA apresentada à Faculdade de ArquitECTURA da Universidade Técnica de Lisboa, Maio de 2011. [em linha]

[consultado em 2 de Abril de 2012] Disponível em www.<URL>https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/3653

Publicações Periódicas

BAPTISTA, Luís Santiago; VENTOSA, Margarida - Há que encontrar modos diferentes de expressão. *arq./a: Arquitectura e arte*. nº 38, Ano VII. Lisboa: Futurmagazine, Julho/Agosto 2006. ISSN 1647-077X

BAPTISTA, Luís Santiago; VENTOSA, Margarida – O arquitecto é sempre mais generalista que especialista. *arq./a: Arquitectura e arte*. nº 71/72, Ano X. Lisboa: Futurmagazine, Julho/Agosto 2009. ISSN 1647-077X

BRANDÃO, Augusto. Temas de construção escolar: análise do liceu de Vila Nova de Gaia. *Binário*, 103-104. Lisboa. Abril/Maio, 1967.

CONCEIÇÃO, Luís - Notas para o ensino da poética em arquitectura. *Arquiteturarevista*. vol. 4, nº2, Jul/Dez, 2008. ISSN 1808-5741

DIAS, Manuel Graça – Cantina do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. *arq./a: Arquitectura e arte*. nº 2, Ano I. Lisboa: Futurmagazine, Julho/Agosto 2000. ISSN 1647-077X

DIAS, Manuel Graça - *Arquitectura em debate – Aveiro* 79. *Arquitectura*. nº 134, 4ª série. Jun/Jul, 1979

DIAS, Manuel Graça - Algumas reflexões durante os Encontros de Macau. *Arquitectura*. nº150, 4ª série. Jul/Ago, 1983

DIAS, Manuel Graça - Prémio de Arquitectura da AICA – 1983. *Arquitectura*. nº152, 4ª série. Mai/Jun, 1984

DIAS, Manuel Graça - Abstract representation. *Arquitectura*. nº 152, 4ª série. Mai/Jun, 1984

DIAS, Manuel Graça - Frágil, Sob Camadas de Tinta. Arquitectura Portuguesa. nº4, Ano I, 5ª série. Lisboa: Tecnigrafe: Midesa. Novembro-Dezembro, 1985

DIAS, Manuel Graça - Depois do Moderno? – Portugal! Expresso. nº 532, 8 Janeiro, 1983

DIAS, Manuel Graça - Moderno, funcional, e depois. JA: Jornal Arquitectos. nº 16/17/18. Lisboa, Març/Abr/Mai, 1983. ISSN 0870-1504

DIAS, Manuel Graça - XVIII - Eis posições modernas. JA: Jornal Arquitectos. nº 21/22/23. Lisboa, Out/Nov/Dez, 1983. ISSN 0870-1504

DIAS, Manuel Graça - Desossar, com garfo e faca. JA: Jornal Arquitectos. nº 33/34. Lisboa, Jan/Fev, 1985. ISSN 0870-1504

DIAS, Manuel Graça - Por uma vanguarda popular. JA: Jornal Arquitectos. nº 51/52. Lisboa, Nov/Dez, 1986. ISSN 0870-1504

DIAS, Manuel Graça – Ensino Poético. JA: Jornal Arquitectos. nº 202. Lisboa, Set. /Out, 2001. ISSN 0870-1504

DIAS, Manuel Graça - ANTOLOGIA 1981-2004. JA: Jornal Arquitectos. nº 218/219. Lisboa, 2005. Jan/Jun, 2005. ISSN 0870-1504

DIAS, Manuel Graça - Edital. JA: Jornal Arquitectos. nº 222. Lisboa, Jan/Mar, 2006. ISSN 0870-1504

DIAS, Manuel Graça - Conversa com José Adrião e Ricardo Carvalho. JA: Jornal Arquitectos. nº 222. Lisboa, 28 de Dezembro 2005. Jan/Mar, 2006. ISSN 0870-1504

DIAS, Manuel Graça - A arquitectura não se referenda! JA: Jornal Arquitectos. nº 234. Lisboa, Jan/Fev/Mar, 2009. ISSN 0870-1504

DIAS, Manuel Graça - O segredo de Visconti. JA: Jornal Arquitectos. nº 239. Lisboa, Abr/Mai/Jun, 2010. ISSN 0870-1504

DIAS, Manuel Graça - O biombo neura. Jornal de Letras, Artes e Ideias. nº50, Ano II, 18/31 Janeiro, 1983. ISSN 0870-452X

DIAS, Manuel Graça - Descobertos mais portugueses na Bienal de Paris. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. nº147, Ano V, 30 Abr/6 Mai, 1985. ISSN 0870-452X

DIAS, Manuel Graça - Arquitectura popular. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. nº 152, Ano V, 21/27 Maio, 1985. ISSN 0870-452X

DIAS, Manuel Graça - Os anti-Moda. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. nº 152, Ano V, 4/10 Junho, 1985. ISSN 0870-452X

DIAS, Manuel Graça - História de bom gosto. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. nº 170, Ano V, 8/14 Outubro, 1985. ISSN 0870-452X

DIAS, Manuel Graça - Abcdário, Factos pós-modernos. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. nº 181, Ano V, 21-27 Dezembro, 1985. ISSN 0870-452X

DIAS, Manuel Graça - Tendências da Arquitectura Portuguesa, catálogo da exposição: Familiar. 2ª ed. Lisboa, 1989.

DIAS, Manuel Graça; VIEIRA, Egas José - Blocos de Aulas no Instituto Superior de Agronomia, Lisboa. *In Architécti*, nº11/12. Lisboa: Editora Trifório, 1989.

DUARTE, Rui Barreiros – Entrevista a Manuel Graça Dias. *ArquitECTURA e Vida: Leituras do real*. nº 47, Ano IV, Março 2004. ISSN 1693-9601

ESBAL, Boletim da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, 1974.

FONSECA, Pedro Protes da - Um espaço divertido. *ArquitECTURA e Vida: Cidadania, Formação e Património*. nº 44, Ano IV, Dezembro 2003. ISSN 1693-9601

HENRIQUES, Ana; SOARES, Marisa – Amoreiras: a polémica passou de moda, o shopping subiu de estatuto. *Cidades, Jornal Público*. Lisboa, 26 de Setembro de 2010.

LOPES, Diogo – As Coisas que Fazem os Sítios. *ArquitECTURA e Vida: Construir um Pensamento*. nº 52, Ano IV, Setembro 2004. ISSN 1693-9601

TAMM, Carlos - Ensino. *In JA: Jornal Arquitectos*. nº 55. Lisboa, Março 1987. ISSN: 0870-1504

TOSTÕES, Ana - Portugal arquitectura do século XX. *In* JA: Jornal Arquitectos. nº185. Lisboa, Agosto 1988. ISSN 0870-1504

Recursos Electrónicos

Contemporânea. *In* Architecture News Plus - Architecture & Design Magazine. [em linha] [consultado em 21 de Dezembro de 2012]. Disponível em [www.<URL http://www.architecturenewsplus.com/profiles/233>](http://www.architecturenewsplus.com/profiles/233)

Difícil Tradução. Arquitectura e o problema da linguagem. *In* Letras - Periódico Cultural, Belo Horizonte, MG, 1 de Setembro de 2008. [em linha] [consultado em 26 de Abril de 2012]. Disponível em [www.<URL http://www.arquitectosassociados.arq.br/?artigo=dificil-traducao-arquitetura-e-o-problema-da-linguagem>](http://www.arquitectosassociados.arq.br/?artigo=dificil-traducao-arquitetura-e-o-problema-da-linguagem)

Forma e Função, a articulação poética. *In* El proyecto, Aproximaciones a la Arquitectura desde el medio Ambiente Histórico y Social. [em linha] [consultado em 9 de Abril de 2012]. Disponível em [www.<URL http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_8395/artigo_sobre_forma_e_funcao,_a_articulacao_poetica>](http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_8395/artigo_sobre_forma_e_funcao,_a_articulacao_poetica)

Graça Dias: a propósito de uns desenhos coloridos. [em linha] [consultado em 1 de Maio de 2013]. Disponível em [www.<URL http://p3.publico.pt/cultura/arquitectura/7310/graca-dias-proposito-de-uns-desenhos-coloridos>](http://p3.publico.pt/cultura/arquitectura/7310/graca-dias-proposito-de-uns-desenhos-coloridos)

HENRIQUES, António Augusto Lagoa. O Diário Gráfico. [em linha] [consultado em 27 de Maio de 2013] Disponível em [www.<URL http://www.lagoa henriques.arte.com.pt>](http://www.lagoa henriques.arte.com.pt)

Manuel Graça Dias + Egas José Vieira, Arquitectos. *In* Contemporânea, página oficial. [em linha] [consultado em 2 de Abril de 2012]. Disponível em [www.<URL http://www.contemporanea.com.pt/>](http://www.contemporanea.com.pt/)

Manuel Graça Dias, Cursos de Arquitectura - Ensino. 1ª parte. *In* Estudo Prévio, revista do Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa. [em linha] [consultado em 16 de Maio de

2013] Disponível em [www.<URL http://www.estudoprevio.net/entrevistas/3/manuel-graca-dias-cursos-de-arquitECTURA-ensino-parte-i>](http://www.estudoprevio.net/entrevistas/3/manuel-graca-dias-cursos-de-arquitECTURA-ensino-parte-i)

Manuel Graça Dias e Egas José Vieira. *In* Associação Internacional de Críticos de Arte. [em linha] [consultado em 21 de Dezembro de 2012]. Disponível em [www.<URL http://www.aica.pt/artists/manuel-graca-dias-e-egas-jose-vieira/>](http://www.aica.pt/artists/manuel-graca-dias-e-egas-jose-vieira/)

Manuel Graça Dias: o homem que gosta de cidades. Entrevista por Maria João Freitas. *In* Alice [em linha] [consultado em 15 de Abril de 2013] Disponível em [www.<URL http://www.clubalice.com /index.php?file=1&id=2393&page=0>](http://www.clubalice.com/index.php?file=1&id=2393&page=0)

MONIZ, Gonçalo Canto. A formação social do arquitecto: Crise nos cursos de arquitectura, 1968 1969 [em linha] [consultado em 31 de Maio de 2013] Disponível em [www.<URL http://rccs.revues.org/4163>](http://rccs.revues.org/4163) Objectivos. Teoria Geral da Organização do Espaço. *In* Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto [em linha] [consultado em 16 de Maio de 2013] Disponível em [www.<URL http://sigarra.up.pt/faup/pt/ucurr_geral.ficha_uc_view?pv_ocorrencia_id=18235>](http://sigarra.up.pt/faup/pt/ucurr_geral.ficha_uc_view?pv_ocorrencia_id=18235)

O Convento de S. Francisco. História. [em linha] [consultado em 31 de Maio de 2013] Disponível em [www.<URL http://www.fba.ul.pt/informacao-institucional/historia/>](http://www.fba.ul.pt/informacao-institucional/historia/)

Objectivos. Teoria Geral da Organização do Espaço. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. [em linha] [consultado em 1 de Maio de 2013]. http://sigarra.up.pt/faup/pt/ucurr_geral.ficha_uc_view?pv_ocorrencia_id=18235

PREC (Processo Revolucionário em Curso). Porto: Porto Editora, 2003-2013. [em linha] [consultado em 1 de Maio de 2013]. Disponível em [www.<URL http://www.infopedia.pt/\\$prec-\(processo-revolucionario-em-curso\)>](http://www.infopedia.pt/$prec-(processo-revolucionario-em-curso))

Ruptura Silenciosa. Intersecções entre a arquitectura e o cinema. Portugal, 1960-1974. [em linha] [consultado em 1 de Maio de 2013]. Disponível em [www.<URL http://www.rupturasilenciosa.com/Projecto-Project>](http://www.rupturasilenciosa.com/Projecto-Project)

Fontes das Imagens

[as imagens lêem-se de cima para baixo, da esquerda para a direita]

- (p.10) [em linha] Disponível em [www.<URL http://1.bp.blogspot.com/-yky9v_V1xt8/T4lf6l77DTI/AAAAAAAAAF5Y/qWrXzcfGQzI/s1600/1-879001.jpg>](http://1.bp.blogspot.com/-yky9v_V1xt8/T4lf6l77DTI/AAAAAAAAAF5Y/qWrXzcfGQzI/s1600/1-879001.jpg)
- (p.24) [em linha] Disponível em [www.<URL http://petrinus.com.sapo.pt/25abril.jpg>](http://petrinus.com.sapo.pt/25abril.jpg)
- (p.26) [em linha] Disponível em [www.<URL http://www.arquitectos.pt/imgs/imagens/1363630395X0rML8ey1Yf50MK1.jpg>](http://www.arquitectos.pt/imgs/imagens/1363630395X0rML8ey1Yf50MK1.jpg)
- (p.30) Cultura arquitectónica em Lisboa: um olhar a partir da ESCAL/FAUTL no período de 1975 a 1990. p.53
- (p.32) Cultura arquitectónica em Lisboa: um olhar a partir da ESCAL/FAUTL no período de 1975 a 1990. p.52
- idem*
- ibidem* p.54
- (p.38) Graça Dias + Egas Vieira: projectos 1985-1995. p.7
- 11 cidades: projectos 1995-2005. p.20
- (p.40) *idem*
- idem*
- (p.44) [em linha] Disponível em [www.<URL http://www.alfarrabistaavelarmachado.com.pt/uploads/catalogo/imagens/verybig_1363952742_9838_13681-macau.jpg>](http://www.alfarrabistaavelarmachado.com.pt/uploads/catalogo/imagens/verybig_1363952742_9838_13681-macau.jpg)
- (p.48) [em linha] Disponível em [www.<URL http://www.indielisboa.com/images/films/2013101534.jpg>](http://www.indielisboa.com/images/films/2013101534.jpg)
- (p.50) [em linha] Disponível em [www.<URL http://designmuseum.org/__entry/4463?style=design_image_popup>](http://designmuseum.org/__entry/4463?style=design_image_popup)
- [em linha] Disponível em [www.<URL http://designmuseum.org/__entry/4462?style=design_image_popup>](http://designmuseum.org/__entry/4462?style=design_image_popup)
- [em linha] Disponível em [www.<URL http://designmuseum.org/__entry/4464?style=design_image_popup>](http://designmuseum.org/__entry/4464?style=design_image_popup)
- [em linha] Disponível em [www.<URL http://designmuseum.org/__entry/>](http://designmuseum.org/__entry/)

4466?style=design_image_popup>

- (p.52) [em linha] Disponível em [www.<URL http://mlehman.wordpress.ncsu.edu/files/2012/11/Citrohan2.jpg>](http://mlehman.wordpress.ncsu.edu/files/2012/11/Citrohan2.jpg)
- (p.56) Learning From Las Vegas. p.156
- (p.58) Learning From Las Vegas. p.88
- (p.60) [em linha] Disponível em [www.<URL http://descubrirsevilla.files.wordpress.com/2012/02/igoe1.jpg?w=584&h=321>](http://descubrirsevilla.files.wordpress.com/2012/02/igoe1.jpg?w=584&h=321)
- (p.64) [em linha] Disponível em [www.<URL http://imagens.publico.pt/imagens.aspx/450755?tp=KM&db=IMAGENS>](http://imagens.publico.pt/imagens.aspx/450755?tp=KM&db=IMAGENS)
- (p.66) [em linha] Disponível em [www.<URL http://4.bp.blogspot.com/-qTJ6ttOkyiQ/TsiFdtKTrBI/AAAAAAAAAAQ/zvDcza1kzVg/s760/capa_1.jpg>](http://4.bp.blogspot.com/-qTJ6ttOkyiQ/TsiFdtKTrBI/AAAAAAAAAAQ/zvDcza1kzVg/s760/capa_1.jpg)
- (p.70) [em linha] Disponível em [www.<URL http://artemaior.files.wordpress.com/2010/11/andy-warhol-marilyn-diptych1964.jpg>](http://artemaior.files.wordpress.com/2010/11/andy-warhol-marilyn-diptych1964.jpg)
- (p.72) [em linha] Disponível em [www.<URL http://www.marinibraganca.com/imagens/publicacoes/080044_2_1843_1.jpg>](http://www.marinibraganca.com/imagens/publicacoes/080044_2_1843_1.jpg)
- (p.74) [em linha] Disponível em [www.<URL http://marcasciencias.fc.ul.pt/imagem/original/3197.jpg>](http://marcasciencias.fc.ul.pt/imagem/original/3197.jpg)
- [em linha] Disponível em [www.<URL http://arquiteturaeurbe.files.wordpress.com/0050224_p1010029.jpg>](http://arquiteturaeurbe.files.wordpress.com/0050224_p1010029.jpg)
- [em linha] Disponível em [www.<URL http://www.aica.pt/wp/wp-content/uploads/1987/03/Manuel-Vicente-7.jpg>](http://www.aica.pt/wp/wp-content/uploads/1987/03/Manuel-Vicente-7.jpg)
- [em linha] Disponível em [www.<URL http://2.bp.blogspot.com/-OARnzirDd4/TadL4QoSZ2I/AAAAAAAAAhQ/7H51pnV3gCE/s640/Souto+Moura2.njpg.jpg>](http://2.bp.blogspot.com/-OARnzirDd4/TadL4QoSZ2I/AAAAAAAAAhQ/7H51pnV3gCE/s640/Souto+Moura2.njpg.jpg)
- (p.82) [em linha] Disponível em [www.<URL http://4.bp.blogspot.com/_vvDRxSdadfM/Sj62ekldTBI/AAAAAAAF6c/WOkbstnjLzo/s400/DSC_0045.JPG>](http://4.bp.blogspot.com/_vvDRxSdadfM/Sj62ekldTBI/AAAAAAAF6c/WOkbstnjLzo/s400/DSC_0045.JPG)
- (p.86) Graça Dias + Egas Vieira: projectos 1985-1995. p.48
- idem*
- ibidem* p.49
- (p.88) *idem*
- [em linha] Disponível em [www.<URL http://www.guiasdearquitectura.com/images/stories/l055/vsig_images/L055_02-bloco-aulas-anfiteatros-instituto-superior-agronomia_549_731_90.jpg>](http://www.guiasdearquitectura.com/images/stories/l055/vsig_images/L055_02-bloco-aulas-anfiteatros-instituto-superior-agronomia_549_731_90.jpg)

[em linha] Disponível em [www.<URL http://www.guiasdearquitectura.com>](http://www.guiasdearquitectura.com)

com/images/stories/l055/vsig_images/L055_01-bloco-aulas-anfiteatros-
instituto-superior-agronomia_549_411_90.jpg>

Graça Dias + Egas Vieira: projectos 1985-1995. p.49

idem

idem

(p.90) Graça Dias + Egas Vieira: projectos 1985-1995. p.74

ibidem p.75

idem

(p.92) *ibidem* p.74

ibidem p.75

idem

idem

(p.94) *ibidem* p.82

ibidem p.83

idem

idem

(p.96) *idem*

idem

idem

idem

idem

(p.98) <http://egasprecisodeajuda.webs.com/photos/A-tua-Universidade/DSC00804.JPG>

GUERRA, Fernando. Manuel Graça Dias | Egas José Vieira | Gonçalo Afonso Dias. Teatro Municipal Almada, Pt. 2005. Nº 61 [em linha] Disponível em [www.<URL http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>](http://ultimasreportagens.com/ultimas.php)

[em linha] Disponível em [www.<URL http://www.contemporanea.com.pt/images/egasmoniz03.jpg>](http://www.contemporanea.com.pt/images/egasmoniz03.jpg)

11 cidades: projectos 1995-2005. p.82

idem

ibidem p.83

idem

ibidem p.82

ibidem p.77

p.(100) p.84

p.80

GUERRA, Fernando. Manuel Graça Dias | Egas José Vieira | Gonçalo Afonso Dias. Teatro Municipal Almada, Pt. 2005. Nº 03 [em linha] Disponível em [www.<URL http://ultimasreportagens.com/74.php>](http://ultimasreportagens.com/74.php)

ibidem Nº 02

ibidem Nº 18

ibidem Nº 19

ibidem Nº 12

ibidem Nº 10

[em linha] Disponível em [www.<URL http://www.almadadigital.pt/ngt_server_acd/xst_loading.jsp?id=14142086>](http://www.almadadigital.pt/ngt_server_acd/xst_loading.jsp?id=14142086)

[em linha] Disponível em [www.<URL http://www.contemporanea.com.pt/images/egasmoniz02.jpg>](http://www.contemporanea.com.pt/images/egasmoniz02.jpg)

11 cidades: projectos 1995-2005. p.80

p.(102) *ibidem* p.210

ibidem p.209

ibidem p.211

idem

idem

idem

(p.104) *ibidem* p.210

idem

idem

idem

(p.106) *ibidem* p.106

ibidem p.105

[em linha] Disponível em [www.<URL http://www.contemporanea.com.pt/images/emaoc01.jpg>](http://www.contemporanea.com.pt/images/emaoc01.jpg)

GUERRA, Fernando. Manuel Graça Dias | Egas José Vieira. Esc. de Música, Artes e Ofícios Chaves, Pt 2008. Nº 88 [em linha] Disponível em [www.<URL http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>](http://ultimasreportagens.com/ultimas.php)

[em linha] Disponível em [www.<URL http://www.guiasdearquitectura.com/images/stories/vr11/vsig_images/vr11_04-escola-musica-artes-oficios-chaves_549_366_90.jpg>](http://www.guiasdearquitectura.com/images/stories/vr11/vsig_images/vr11_04-escola-musica-artes-oficios-chaves_549_366_90.jpg)

[em linha] Disponível em [www.<URL http://www.guiasdearquitectura.com/images/stories/vr11/vsig_images/vr11_01-escola-musica-artes-oficios-chaves_549_366_90.jpg>](http://www.guiasdearquitectura.com/images/stories/vr11/vsig_images/vr11_01-escola-musica-artes-oficios-chaves_549_366_90.jpg)

[em linha] Disponível em [www.<URL http://2.bp.blogspot.com/_YWL00r4qARg/TSHgj7sjVal/AAAAAAAAAPq8/K4_k0LGPYv4/s1600/13.jpg>](http://2.bp.blogspot.com/_YWL00r4qARg/TSHgj7sjVal/AAAAAAAAAPq8/K4_k0LGPYv4/s1600/13.jpg)

GUERRA, Fernando. Manuel Graça Dias | Egas José Vieira. Esc. de Música, Artes e Ofícios Chaves, Pt 2008. Nº 81 [em linha] Disponível em [www.<URL http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>](http://ultimasreportagens.com/ultimas.php)

ibidem Nº 22

(p.108) *ibidem* Nº 83

ibidem Nº 63

ibidem Nº 55

[em linha] Disponível em [www.<URL http://www.contemporanea.com.pt/images/emaoc02.jpg>](http://www.contemporanea.com.pt/images/emaoc02.jpg)

GUERRA, Fernando. Manuel Graça Dias | Egas José Vieira. Esc. de Música, Artes e Ofícios Chaves, Pt 2008. Nº 15 [em linha] Disponível em [www.<URL http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>](http://ultimasreportagens.com/ultimas.php)

ibidem Nº 38

ibidem Nº 52

